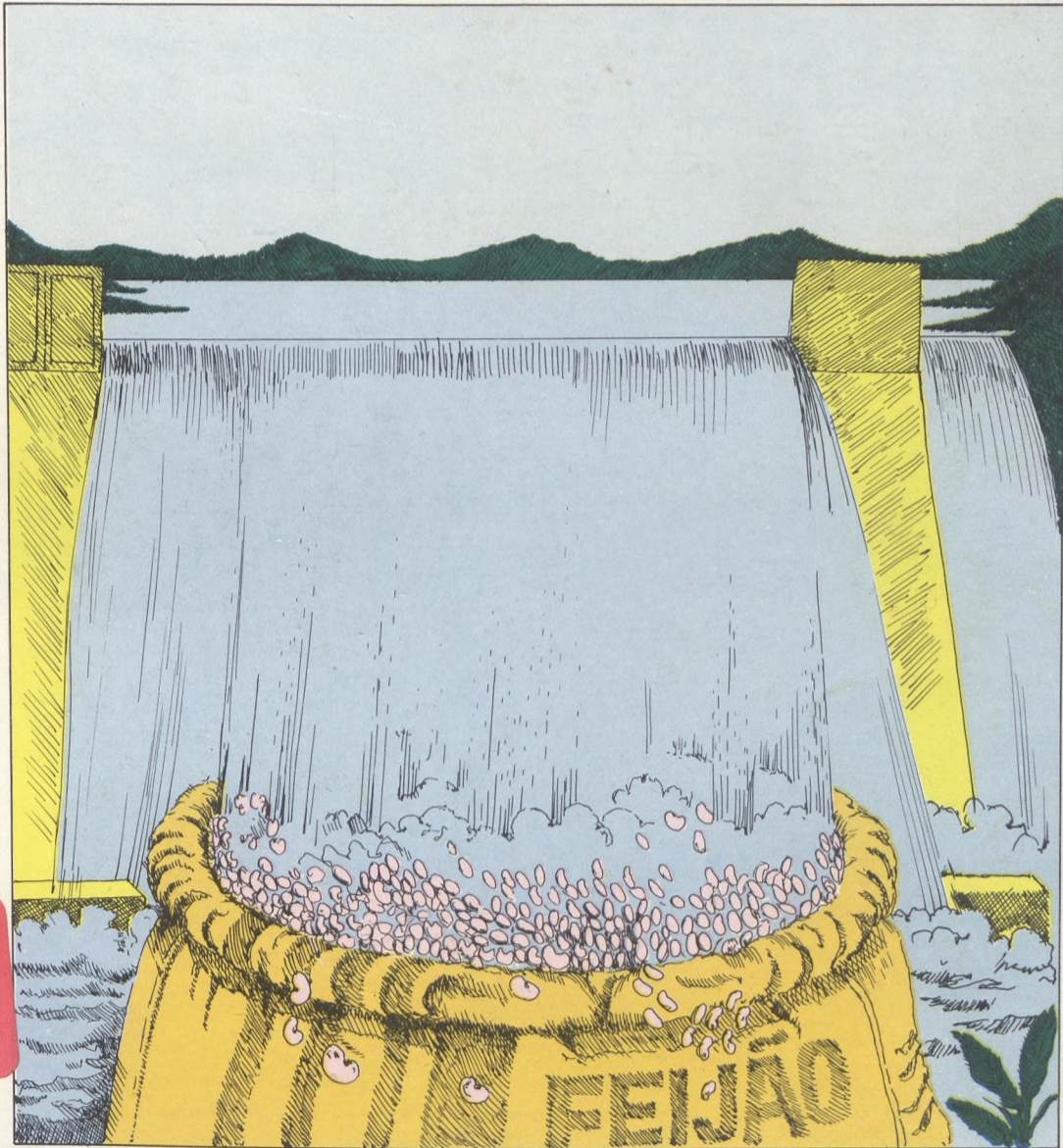


REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XVII • N.º 177 • JUNHO/86 • CZ\$ 10,00



417

VALE DO AÇU

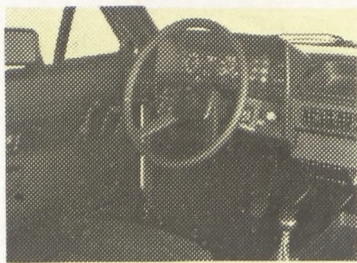
**A ESPERA
DO MILAGRE**

**ENTREVISTA
RESISTINDO AO
MARASMO**

OS NOVOS GOL ESTÃO NA FRENTE.



VENHA FICAR FRENTE A FRENTE COM ELES.



MUDOU A CARA: OS GOL TÊM NOVA FRENTE, HARMONIOSA, AERODINÂMICA.

E MUDOU O CORAÇÃO: ELES TÊM NOVO MOTOR 1.6 MD-270 COM MAIOR POTÊNCIA, MAIS ACELERAÇÃO, AGILIDADE, ELASTICIDADE, E MUITA ECONOMIA.

ALÉM DISSO, OS NOVOS GOL TÊM INTERIOR COMPLETAMENTE NOVO. BANCOS ANATÔMICOS, QUE DÃO MAIS CONFORTO AO MOTORISTA, E MAIS

ESPAÇO PARA QUEM SENTÁ ATRÁS.

ACABAMENTO INTERNO MONOCROMÁTICO COM NOVOS PADRÕES E CORES. CINTOS DE 3 PONTOS AUTOMÁTICOS, DE SÉRIE. ILUMINAÇÃO CENTRAL. CONSOLE, MARCADOR DE TEMPERATURA, E NOVOS DETALHES QUE OS ATUALIZAM AINDA MAIS.

NOS NOVOS GOL SÓ O MELHOR CONTINUA COMO ANTES: A EXTRAOR-



DINÁRIA ESTABILIDADE. A DIREÇÃO LEVE E PRECISA, OS FREIOS

EXCELENTES E PRECISOS.

OS NOVOS GOL JUNTAM A MELHOR TECNOLOGIA A TUDO DE BOM QUE O GOL JÁ TINHA.

AGORA SOME TUDO ISSO COM NOSSOS PLANOS DE FINANCIAMENTO COM TODAS AS FACILIDADES, E UMA AVALIAÇÃO INCRÍVEL DO SEU CARRO USADO, QUE VOCÊ VIRÁ HOJE MESMO CONHECER OS NOVOS GOL S/LS.

OS CARROS QUE ESTÃO NA FRENTE.



GOL S/LS

MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS



DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597



Água como alimento

Há três anos a Barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves era inaugurada, sob aplausos de políticos e a expectativa da população do Vale do Açu, que teve a promessa de que ali nascia a redenção do Estado potiguar. A obra, apontada como a maior do Governo Figueiredo no Nordeste, até hoje não rendeu os frutos esperados. Mesmo os vários colonos, que tiveram suas terras desapropriadas para dar lugar ao "mar d'água", ainda não foram reassentados em seus núcleos produtivos. O repórter Vicente Neto viu, *in loco*, a situação dos que ainda aguardam uma solução do Governo. E, a partir da página 10 desta edição, conta a história da Barragem desde sua inauguração, onde — diante dos



então Presidente João Batista Figueiredo e Ministro do Interior, Mário Andreazza — o ex-Governador José Agripino Maia prometia começar, logo no outro dia, um trabalho que transformaria as águas represadas em "alimento para saciar a fome dos norte-riograndenses". Os dois invernos que se sucederam a esta afirmação levaram a "Barragem do

Açu" a transbordar com lâmina d'água de mais de dois metros, porém nenhum grão de alimento foi adicionado à mesa de várias famílias norte-riograndenses. A existência da represa é irreversível. Mas se faz necessário que medidas urgentes e acertadas sejam tomadas, senão restará aos potiguares a constatação amarga de terem sido presenteados com mais um elefante branco.

EXPEDIENTE

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL
ANO XVII • N.º 177
JUNHO/86 • CZ\$ 10,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: João Bezerra Júnior

DIAGRAMAÇÃO

Moacir de Oliveira — DRT 240

ARTE

Carlos José Soares e João Silva

FOTOCOMPOSIÇÃO

Antônio José D. Barbalho

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDAS., CGC 08.286.320/0001-61. Endereço: Rua São Tomé, 421, Natal (RN) — Fone: (084) 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço da assinatura anual: CZ\$ 100,00. Preço do exemplar atrasado: CZ\$ 20,00. Consulta ao arquivo-memória: CZ\$ 50,00.

ÍNDICE

ESTADO

Em São Rafael, a espera de soluções	10
O poeta canta a tristeza do seu povo	15
A Igreja sai em busca da conscientização do voto	16
Os jovens desconhecem o que seja Constituinte	16
No Campus começou a guerra pela Reitoria	21
A UFRN terá seu primeiro reitor sem Dinarte Mariz	23
Falta carro novo e os usados sobem de preço	24
Na televisão, o autor potiguar	26
Advogados põem o Direito em discussão	27

ARTIGOS

Adriano de Sousa	7
Economia	28
Esporte	34

SEÇÕES

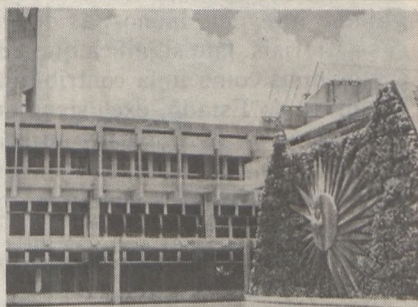
RN/Entrevista	4
Cartas & Opiniões	8
Agenda do Empresário	29
Cultura	30

HUMOR

Cláudio	32
---------------	----

FOTOGRAFIAS

João Maria Alves



Reitoria: começou a corrida (Pág. 21)



Os carros desaparecem (Pág. 24)

CAPA: Carlos José Soares

CARLOS ALBERTO DE LIMA

Defensor do movimento literário potiguar,
Lima critica as instituições culturais do Estado,
onde ter valor é questão de amizade

Na trincheira cultural

FRANKLÍN JORGE

Carlos Alberto de Lima, 45 anos, antecipou-se desde 1977 ao projeto do Presidente Sarney, que defende a participação da empresa privada em eventos e iniciativas culturais, reinvestindo parte dos lucros da Organização Clima, composta de uma gráfica e quatro livrarias, na publicação de escritores norte-riograndenses.

Ex-professor da Faculdade de Jornalismo Elói de Souza, jornalista profissional até 1964, quando foi preso. Na época era o redator-chefe da **Folha da Tarde**, jornal fundado por Djalma Maranhão, no qual assinava também a coluna de crítica de cinema. Retornou ao jornalismo em 1974, editando uma revista que ficou famosa, **Cadernos do Rio Grande do Norte**, extinta em 1976. Um ano antes já editava um jornal mensal, **Folha dos Municípios**, que deixou de circular em 1978.

Carlos Lima escreveu ainda coluna especializada em Música Popular Brasileira, aos domingos, na **Tribuna do Norte**, que abandonou para dedicar-se mais a editoração de autores potiguares e a administração de sua empresa que não tem parado de crescer.

Amigo de personalidades do mundo cultural do país — Jorge Amado aposta em Carlos Lima para Secretário da Cultura ou da Educação desde 1978 quando esteve em Natal pela última vez —, tem realizado um importante trabalho de difusão cultural, obtendo a melhor

repercussão dentro e fora do Rio Grande do Norte.

Fiel a vocação da juventude, costuma acordar diariamente às 3 horas da manhã para ler os seus autores preferidos. Casado, um filho.

Recentemente, em solenidade na Academia Brasileira de Letras, recebeu a comenda de **Personalidade Cultural do Ano**, da diretoria nacional da União Brasileira de Escritores.

Por ajuda a cultura

RN — Há uma indústria editorial no Rio Grande do Norte?

CL — Em termos de uma indústria organizada e auto-suficiente, não. Vamos tomar como exemplo as Edições Clima. Desde 1977 publicamos quase oitenta títulos, dos quais 48 diretamente financiados pela editora, com raríssimas obras conseguindo tirar, pelo menos, as despesas materiais. Isto significa que editamos mais como uma contribuição à Cultura do Estado, exclusivamente, autores locais. Inclusive utilizamos a verba destinada a publicidade da empresa para publicar esses autores.

RN — Mas esta não seria uma forma simpática de publicidade?

CL — Exatamente. Depois, como publicidade, o retorno é muito simpático porque contribui para a difusão dos nossos autores. Por ou-

tro lado estamos descobrindo novos valores da terra e sendo amplamente divulgados até mesmo fora do Rio Grande do Norte.

RN — Quais os critérios de editoração utilizados pela Clima?

CL — Antigamente tínhamos um Conselho Editorial, mas concluímos que não funcionava.

RN — Por que?

CL — Numa cidade pequena, onde todos se conhecem, a escolha fica sempre subordinada a critérios extra-literários. Me lembro que você era a única exceção nesse processo de escolha que considerava mais o indivíduo do que a obra. Havia casos em que membros do Conselho, mesmo considerando a obra de má qualidade, votavam a favor de sua publicação, alegando amizade com o autor. A escolha hoje está sendo feita praticamente por mim mesmo, que leio todos os originais. Publicamos todas as obras que consideramos de interesse para a comunidade. Outras publicações são feitas mediante financiamento do próprio autor; neste caso, estamos apenas executando um serviço gráfico.

RN — Há um critério específico para as coedições de obras?

CL — Nas coedições é sempre adotado o mesmo critério de escolha. Só fazemos uma coedição se achamos que a obra merece publicação. O que se torna mais difícil, no entanto, é uma participação mais séria, em termos financeiros, das instituições de cultura do Estado. Geralmente quando elas chegam a

cumprir a sua parte no contrato de coedições, o valor da contrapartida tem se tornado praticamente simbólico. Por conta desta dificuldade diminuímos sensivelmente o número de coedições, preferindo assumir toda responsabilidade financeira. Pelo menos assim nos livramos de esperas e aborrecimentos.

RN — Como você vê o empenho do Presidente Sarney no sentido de tornar viável a implantação de projetos culturais pela iniciativa privada, em troca de deduções especiais no Imposto de Renda?

CL — É uma medida que deveria ter sido tomada há muito tempo. As editoras particulares são assim beneficiadas. O Presidente Sarney, como intelectual que é, deixará este grande serviço em favor da Cultura brasileira.

RN — Todas as edições dão prejuízo?

CL — Não. Poderíamos citar como exemplo o livro de uma jovem professora, Elma Mouzinho, autora de um romance — coisa rara entre nós —, que teve a primeira edição de *Algemas de Sol e Chuva*, tirada o ano passado, totalmente esgotada. Já estamos providenciando a segunda edição com tiragem triplicada, pois o livro foi adotado em nada menos do que oito colégios da cidade.

RN — As tiragens alcançam uma cifra significativa?

CL — Em geral tiramos 1 mil exemplares de cada obra, com exceção dos livros de humor ou fesceninos, como é o caso de *50 Glosas Sacanas*, lançado em janeiro, já em segunda edição.

RN — Há distribuição sistemática

dessas publicações?

CL — O problema mais grave enfrentado por qualquer editora nordestina é a distribuição. No momento estamos conseguindo cobrir o Nordeste através da Livro 7, do Recife, que redistribui as obras para as filiais de outras cidades. Recebemos convite da Editora Vozes, para uma distribuição nacional de nossas publicações, e estamos preparando um catálogo geral que ficará concluído agora. Esperamos já no segundo semestre ter os nossos títulos distribuídos em todo o Brasil, mesmo porque temos recebido, de várias partes, pedidos pelo Reembolso Postal, principalmente dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia.

Falta crítica literária

RN — A que você atribui esses pedidos de obras pelo sistema de reembolso postal?

CL — Como não temos uma mala direta, creio que essa divulgação dos nossos livros é feita através de congressos e seminários que se realizam aqui. Também o turista, que compra os nossos autores, é um agente de difusão em potencial. Natal já tem um movimento turístico que não podemos ignorar.

RN — Quem mais lê o autor da terra?

CL — O pessoal da terra geralmente adquire o livro do autor no

dia do lançamento, até mesmo para cumprir um ritual que começa com o recebimento do convite para a noite de autógrafos. O turista, ao contrário, impressiona pelo desejo de conhecer a nossa Cultura, sempre adquirindo livros em quantidade.

RN — Como se posiciona a imprensa norte-riograndense em relação ao movimento editorial?

CL — Da imprensa da terra temos recebido sempre o mais amplo apoio na divulgação desse trabalho. Agora achamos que o que está faltando, no momento, são as colunas especializadas. Falta crítica, até mesmo como uma maneira de orientar melhor os autores, especialmente os estreates.

RN — O editor Maurício Lacerda, da Nova Fronteira, tem criticado duramente a participação do Estado na indústria editorial. E você, o que acha disso?

CL — Editar é válido e eu garanto que os livros publicados pelas instituições governamentais jamais sairiam pela Nova Fronteira, Brasiliense ou qualquer outra grande editora brasileira. Acontece que o Estado publica geralmente autores desconhecidos ou trabalhos de interesse apenas regional, mas de qualquer maneira não deixa de ser uma contribuição ao movimento cultural do país. Quanto mais se editar, melhor.

RN — Mesmo sem critérios seletivos?

CL — Com um pouco de critério seletivo, naturalmente.

RN — Lacerda acusa principalmente a má qualidade das obras editadas pelo Governo...

CL — É difícil julgar neste caso,



Lima, um dos poucos...



... que investe e acredita...



... na produção literária

porque a denúncia, partindo de um editor como Maurício Lacerda, deve prender-se muito mais a negócios do que a sistema de seleção das obras publicadas.

RN — Naturalmente há de existir exceções nessa falta de critérios qualitativos apontada por Lacerda. Poderia citar alguns?

CL — A Universidade Federal do Ceará, por exemplo, vem desenvolvendo um trabalho de alto nível nesse campo. Podemos citar em Pernambuco a Fundação Joaquim Nabuco e a Fundação Cultural Cidade do Recife, órgão orientado pela Secretaria da Cultura, e, no Rio Grande do Norte, o trabalho sem tréguas do professor Vingt-Un Rosado na **Coleção Mossoroense**.

Originals engavetados

RN — Que contribuição o Conselho Estadual de Cultura tem prestado ao movimento cultural do Rio Grande do Norte?

CL — Eu só tenho conhecimento de que, uma vez por outra, ele promove reuniões para os conselheiros bater papo. E é só.

RN — Por que você deixou o Conselho Editorial da Fundação José Augusto?

CL — É verdade que tentamos fazer um trabalho sério no plano editorial da FJA, sacrificando boas leituras para examinar originais e elaborar pareceres que nunca eram respeitados. Muitas vezes desaconselhávamos a publicação de alguns originais medíocres, que víamos publicados porque os autores eram amigos do presidente. Também acontecia o contrário: bons originais, aprovados por unanimidade, permanecem engavetados por razões que não sabemos ao certo.

RN — Como você encara a escolha dos dirigentes culturais?

CL — Acho que anda tudo muito trocado. Infelizmente isto é bem brasileiro: tudo se restringe a acomodações políticas onde o intelectual vai para o departamento jurídico e vice-versa.

RN — Como você definiria o movimento cultural da cidade?

CL — Embora o movimento cultural da cidade não possa ser comparado com o que fazíamos há dez anos atrás, inclusive com a sua participação, considero ainda Natal co-

mo um dos principais centros de produção cultural do Nordeste. Falta-nos apenas um apoio mais sério das instituições culturais no financiamento de projetos de exposições, editoração, concursos literários, prêmios etc.

RN — O que você acha das críticas que são feitas ao valor dos prêmios existentes?

CL — Geralmente os valores são insignificantes.

RN — Que sugestões você daria às instituições para que este quadro se modificasse?

CL — Acredito que o ganhador se sentiria muito mais feliz vendo sua obra publicada imediatamente após o concurso, com a participação de 50% em livros como direitos do autor comercializados inclusive na noite dos lançamentos.

RN — Há algum projeto de expansão dos negócios de sua editora?

CL — Estamos preparando um estudo para ver se podemos dinamizar mais a parte editorial com a aquisição de novos maquinários, alguns já adquiridos. Também pretendemos mexer no setor de distribuição nacional além da implantação de vários postos de venda de livros em vários pontos da cidade, ampliando um sistema que vem funcionando através de boxes nos Hotéis Residence e Tirol, além do Centro de Turismo.

Há falta de divulgação

RN — Como você vê a produção literária no Rio Grande do Norte?

CL — Falta aqui um certo profissionalismo entre os autores, exceção feita a um Luís da Câmara Cascudo, Eulício Farias de Lacerda, Nei Leandro de Castro...

RN — Como as instituições poderiam contribuir para uma animação cultural eficaz?

CL — As instituições poderiam contribuir para uma melhor divulgação do autor local, participando e dando meios às editoras de participar de feiras de livros que se realizam noutros Estados. Nunca mandamos uma representação para a **Bienal do Livro de São Paulo** ou para a **Feira Internacional do Livro**, em São Cristóvão, no Rio.

RN — Qual é a posição de sua editora em face dessa situação?

CL — De resistência. Agora mes-

mo estamos tentando o apoio dos órgãos culturais da terra para a realização, durante o mês de dezembro, no aniversário da cidade, da **1.ª Feira Cultural de Autores Nordestinos**. Pretendemos atrair o maior número possível de autores, que lançariam suas obras, participariam de debates, conferências e exposições que mostrassem a realidade cultural do Nordeste hoje.

Temos bons valores

RN — O que provoca o fracasso das feiras organizadas pelas instituições locais, de que é exemplo aquela que foi realizada no Centro de Cultura em 1984?

CL — A falta de organização da entidade promotora e a inexistência de uma divulgação mais ampla. Também a exclusão dos novos valores é determinante.

RN — De que forma você sentiu essa falta de organização?

CL — Recebemos o convite para participar dessa feira quinze dias antes de sua realização. Lá constatamos que o que seria uma feira de livros não passava de uma exposição. A instituição que promovia o evento, por sua vez, mandou apenas um exemplar de cada obra publicada.

RN — O que você diria sobre os valores emergentes?

CL — Na poesia, veja que beleza de safra de jovens poetas: Marize Castro, João da Rua, Diva Cunha, Cléia Trindade, Aécio Cândido, Josimey Costa, Jóis Alberto. Na prosa, Alex Nascimento, Elma Mouzinho, Maria Lúcia Brandão. São muitos e a gente corre o risco das omissões.

RN — Quais os próximos lances das Edições Clima?

CL — Estamos com cinco livros praticamente prontos e que serão lançados a partir de julho. Anote: **Canto de Página**, primeiro livro de poemas de Diva Cunha; **O Vento Leste**, de Gilberto Avelino; **Poucas e Boas**, humorismo de Armando Nogueiros; a segunda edição de **Os de Macatuba**, de Tarcísio Gurgel e **Liquidificação Final**, de Edna Duarte. Também publicaremos a correspondência pessoal de Aleyone Abraham, que muito contribuiu para a divulgação dos artistas e dos escritores do Estado. □

Procura-se um político

ADRIANO DE SOUZA

A cada dois anos os eleitores brasileiros são premiados com o fenômeno da rearrumação partidária, protagonizado por políticos habituados a protelar até o último momento o pulo do gato rumo ao saco que lhes parece mais cômodo. Há muitas teses a explicar o fenômeno, que eclode tão logo se determina a abertura da temporada de caça ao voto nosso de cada eleição. A mais genérica aponta o artificialismo dos partidos políticos brasileiros como causa.

A rigor, uma tese correta, calcada em múltiplas evidências, notadamente nos últimos vinte anos, quando o regime militar se apropriou do fluxo da História, subvertendo-o e confinando-o no leito arbitrário de suas conveniências e apetites. E se a bipolarização partidária impingida pelos militares encobriu a verdadeira face do artificialismo durante quase duas décadas, a liberalização do regime cuidou de expô-la sem retoques, graças exatamente às artimanhas dos políticos contaminados pelo vírus do nomadismo.

Examinado a fundo o quadro partidário no país, constata-se a debilidade ideológica das legendas. Mesmo a sopa de siglas surgidas em 1985 — pelo menos uma dúzia de partidos conseguiu registro provisório junto ao Tribunal Superior Eleitoral — já não conseguia mascarar o fenômeno; ao contrário, aguçou-o. À exceção dos partidos doutrinariamente de esquerda — os PCs e o PT — o que lhes confere um mínimo de identidade e homogeneidade ideológica, os demais trocam de personalidade ao sabor das feições dos seus filiados.

Em alguns casos, há intenção explícita de assumir o caráter de frente, abrindo-se num leque de nuances ideológicas, como o PMDB, que buscou nas suas raízes emedebistas (os duros tempos do bipartidarismo) a fundamentação da escolha. Mesmo aí, a inflexibili-

dade dos fatos cria lógica paralela, que encobre intenções contidas em programas, discursos e projetos de Governo. A pluralidade de correntes induz à heterogeneidade, que deságua no fisiologismo. Tanto é assim que a cada nova alteração no espectro partidário, instaura-se um confuso movimento de vai-e-vem, francamente picaresco.

O método de alugar legendas de maior densidade eleitoral — seja pela vizinhança do poder, por tradição ou poderio financeiro de sua cúpula — para capturar mandatos que serão depois convertidos em mercadoria, em instrumento de barganha de sinecuras e favores, aflora em paralelo ao fenômeno da troca de legendas. Esse mercantilismo contamina os partidos ainda agora, a seis meses da eleição da Assembléia Nacional Constituinte, cujo suposto espírito reformista deverá alcançá-los, extinguindo-os ou acelerando o processo de depuração dos seus quadros, previsível, de tão natural.

E se o que ressalta nesses arranjos todos, como símbolo máximo do artificialismo — ou como sua própria essência —, é o apetite fisiologista da maioria dos nômades, há outro reflexo ainda mais desconfortável: somos um país de partidos e instituições imaturas. Um exemplo disso é a pequenez do elenco de líderes, o que leva toda a classe política a sobressaltar-se sempre que um deles evidencia sinais de cansaço. O affair do internamento de Ulysses Guimarães é bastante sintomático.

Considerando toda essa gama de circunstâncias e fatos, seria o caso de afirmar que, ao contrário do que supõe Pelé, os brasileiros sabem votar. O problema é descobrir em quem. Ainda que se apelasse para o método do filósofo grego Diógenes, que costumava percorrer as ruas, de lanterna na mão, à luz do dia, à cata de um ser humano que justificasse a nomeação...

Lua-de-mel no Tahiti.



Vale a pena passar uma rápida e deliciosa lua-de-mel no Tahiti. Se você ainda não passou, não sabe o que está perdendo.

Vamos, experimente. Mesmo que você esteja perto de comemorar as bodas de prata.

MOTEL TAHITI®
O paraíso é aqui.

Direito de defesa

Senhor Diretor:

Ocupou-se o Sr. Franklin Jorge do Nascimento Roque, numa das últimas edições dessa conceituada Revista, a divulgar notícias tendenciosas e irresponsáveis à respeito de minha administração frente a Fundação José Augusto.

Pelo direito de defesa, assegurado peço a V. S. que me permita responder o seguinte:

1) o difamador me denigre porque foi demitido da FJA por ser um funcionário relapso, faltoso e indisciplinado. De forma intencional e deliberada procura, por vingança e ódio, obscurecer o trabalho editorial que realizei, cujo testemunho V. S. e seu filho Fernando já destacaram publicamente em ocasiões que RN/Econômico foi co-editora com a FJA na publicação de obras de autores potiguares.

2) Esquece o detrator que, sem recursos orçamentários e enfrentando as maiores dificuldades consegui publicar quase 250 livros, inclusive, até, um dele próprio, o difamador.

3) Oblitera, "o dono da paisagem e do tempo", que 26 monumentos históricos foram restaurados no Estado, à custa do incessante trabalho de buscar recursos em instituições públicas e privadas para tal fim, inclusive, implantando o inventário dos bens culturais imóveis do RGN, hoje, ainda, em andamento.

4) Centenas de exposições de arte foram realizadas na minha gestão, sem falar nas ações culturais em favor da pesquisa histórica social, documentação cultural, implantação de bibliotecas, cursos especializados na área de recursos humanos numa administração que, se não pode ser brilhante, foi, contudo, reconhecida e atestada pelas mais altas instituições dos diversos segmentos culturais do Estado.

5) No mais, tudo o que o Sr. Franklin Jorge do Nascimento Roque disser a meu respeito é lixo atirado na estrada de quem procurou servir com competência, humildade, e probidade à cultura do RGN, não obstante, as imensas dificuldades que foram travadas de ordem financeira, numa atividade que nem sequer um Ministério antes existia para tratar dos seus assuntos específicos.

A questão, meu caro Diretor, é meramente de ordem pessoal. Espero que uma Revista do porte do RN/Econômico não se preste, nas mãos inescrupulosas de um ressentido em desagadouro de recalques e caprichos maníacos-depressivos.

Atenciosamente — VALÉRIO MESQUITA — NATAL-RN.

"Rompendo o cerco"

Sr. Redator,

Este conceituado veículo abordou um tema interessante e oportuno na edição do mês de abril: o dos direitos da mulher de denunciar a violência praticada nas ruas, no trabalho, em casa. A matéria intitulada "As mulheres se aparelham para exigir maior respeito" reflete com clareza a necessidade e a obrigação das mulheres de se cercarem de mecanismos e instituições para fazer valer seus direitos. A Delegacia da Mulher e o Conselho Municipal de Direitos da Mulher representam, por si só, um avanço na luta, mas o mais importante é que as mulheres se conscientizem de seus direitos, da necessidade de ser respeitada em todos os setores de sua vida. A matéria acertou ao dizer que não é a lei que dará fim a violência praticada contra mulheres. Mas acertou também ao dizer que a instalação de mecanismos capazes de neutralizá-la já é um bom começo. — NEUZA ALVES DA SILVEIRA — NATAL/RN.

CARTAS E OPINIÕES PARA RN/ECONÔMICO, RUA SÃO TOMÉ, 421 — CIDADE ALTA — NATAL-RN.

DOMINAMOS O ELEFANTE PARA VOCÊ

Tem sido assim nos últimos dezessete anos. Mensalmente RN/Econômico oferece ao seu público leitor um retrato preto no branco do Rio Grande do Norte. E isso continuará por mais dezessete anos, no mínimo. Nosso trabalho, porém, se completa com sua comodidade. Assine ou renove sua assinatura de RN/Econômico hoje mesmo, ligando para 222-8517 ou 222-4722. Apesar do congelamento de preços, ainda lhe garantimos o direito a 20 por cento de desconto em nosso preço de capa.




**Unificar a indústria, comércio,
órgãos federal, estadual e municipal
é o nosso objetivo desde 1943**



... Participe, divulgando a sua empresa e seus produtos em todo o território nacional e em mais de 100 países anunciando no CADASTRO DELTA.

Mais de 560.000 informações de empresas de todo território nacional, classificadas por Estados, firmas e produtos.

 **ALBEISA DO BRASIL EDITORES LTDA.**

Rua Barão de Itapetininga, 255 — 7.º e 8.º andares — CEP 01042
Fones: (011) 255-3373 e 255-3638 — São Paulo-SP

Três anos de pesadelo

Inaugurada com a pompa das grandes obras, a "Barragem do Açú" ainda não rendeu os dividendos prometidos aos que tiveram terras desapropriadas

"Aqui começa uma nova história para este Vale do Açú. Está se concretizando neste momento um sonho de muitos anos. (...) Aí está, presidente, o mar d'água. Mas isto não é tudo. É apenas o começo. A conseqüência é o que está por vir. E aqui vai ficar o meu apelo e o meu pedido para que a partir de amanhã, logo a partir de amanhã, comecemos a somar nossas forças e nossos esforços a fim de transformar esta água em alimentos para saciar a fome dos norte-riograndenses".

Estas palavras, proferidas pelo então governador José Agripino perante o general João Figueiredo e o coronel Mário Andreazza, à época Presidente da República e Ministro do Interior, respectivamente, encheram de esperanças centenas de trabalhadores e pequenos produtores rurais, que se espremiavam sob o

sol forte das 11 hs do dia 20 de maio de 1983, data da inauguração da Barragem Eng. Armando Ribeiro Gonçalves, classificada pelos assessores do Governo como "a maior e mais importante obra do Governo Figueiredo no Nordeste". Segundo os responsáveis pela construção, quando a barragem estivesse com sua capacidade total seriam criados empregos para milhares de pessoas que passariam a produzir alimentos capaz de tornar o Rio Grande do Norte o maior Exportador de Grãos do Nordeste.

Passados três anos daquela festa cívica, a água ainda não foi transformada em alimentos, e as conseqüências que vieram são as piores possíveis, com os mesmos trabalhadores e pequenos produtores que foram aplaudir o Presidente e comitiva, enfrentando hoje uma das si-

tuações mais difíceis, jogados à sorte, sem terras, sem recursos e com poucas perspectivas pela frente. "A situação dos moradores de São Rafael e adjacências derruba a tese daqueles que pensam que o problema do Nordeste é a falta d'água", diz Inaldo Matias, técnico do Movimento de Educação de Base — MEB — um dos órgãos da Arquidiocese de Natal que acompanha de perto o problema naquela região.

SITUAÇÃO DIFÍCIL — A situação no município de São Rafael continua a mesma de três anos atrás. Nenhum hectare de terra foi irrigado pelo DNOCS e as áreas indenizadas ainda estão em poder de seus antigos proprietários, muitos deles alugando-as a terceiros. Os trabalhadores rurais do município, os mais atingidos, ainda estão moran-



Barragem do Açú, promessas de dias melhores

do em casas de madeira, construídas pelo DNOCS. Essas casas deveriam servir de moradia temporária por um período máximo de dois anos, tempo calculado pelos técnicos como suficiente para a execução do programa de lotes irrigados destinados àqueles que tiveram suas terras e vazantes inundadas pelas águas represadas. Desde que os moradores foram transferidos da velha para a nova cidade, centenas de reuniões foram realizadas, tentando-se encontrar uma saída, mas todos os planos, alternativas e reivindicações foram engolidas por uma velha inimiga de projetos deste tipo: a burocracia oficial.

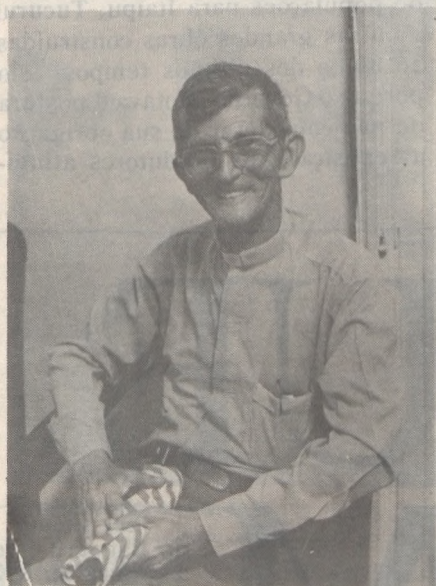
No final de 84, quando o governador José Agripino, empolgado com o que viu na Califórnia, onde foi conhecer de perto projetos de irrigação em pleno deserto, elegia o trinômio Terra-Água-Crédito como prioridade de seu Governo, os trabalhadores de São Rafael pediam socorro a Igreja de Natal. Articulada pelo arcebispo metropolitano, dom Nivaldo Monte, uma campanha de doações de gêneros de primeira necessidade foi feita em todas as Paróquias da Capital. No lançamento da campanha, o religioso alertava: "A situação daquela gente do Vale do Açu, sem trabalho, sem terra e sem alimentos, é estarrecedora. Já não é mais possível se esperar por soluções que se prolongam indefinidamente". Alguns dias antes, o Governo Federal havia determinado a desativação do Programa de Emergência e de Creches Comunitárias em todo o Nordeste, encerrando definitivamente a assistência governamental aos flagelados da seca.

A marca do sofrimento de 300 famílias que moram nos 13 núcleos de tábuas, cujas casas ameaçam cair a qualquer momento devido a ação do tempo, está na fisionomia de cada uma delas, marcando principalmente as crianças. Este sofrimento foi muito bem sintetizado pelo poeta Rafael Arcanjo da Costa, de 70 anos, nos versos que fez para o Boletim DISPARADA, de responsabilidade do Serviço de Assistência Rural — SAR — o segundo órgão da Igreja que acompanha o caso dos trabalhadores desde a construção da barragem. (Ver box).

COMO TARTARUGA — A velha São Rafael, situada às margens do Rio Piranhas, era considerada uma cidade próspera, com sua população



Silvana Garcia, da Assistência Rural



Dom Nivaldo



Agripino, promessas demais

de 10.000 habitantes vivendo da agropecuária, artesanato em palha e extração de minérios. "O comércio era prospero. A feira do município uma das maiores da região. A produção de cereais era tanta que atraía compradores de outros Estados. A feira de alimentos durava dois dias, tempo que os compradores levavam para ensacar os alimentos e carregar os caminhões", relembra "dona" Socorro, moradora da cidade.

"Os moradores dos 13 núcleos rurais eram pequenos proprietários, meeiros e arrendatários de terras na cidade velha. Mesmo assim, não conheciam a miséria porque o Vale fértil lhes dava até duas colheitas por ano", diz Silvana Garcia, coordenadora do SAR, indignada com a morosidade com que o problema vem sendo tratado pelo DNOCS. "Tudo caminha em passo de tartaruga com a maior naturalidade do mundo, como se o pessoal da região pudesse esperar indefinidamente por uma solução que nunca chega", frisa.

INDENIZAÇÃO EM DINHEIRO

— A situação de São Rafael torna-se complexa por três aspectos: a não requisição e demarcação das terras já indenizadas, a pobreza do solo onde se pretende desenvolver projetos de colonização e a questão da produção, que foi totalmente desorganizada devido ao deslocamento dos pequenos produtores rurais.

Quando esteve em Natal partici-



Nos barracos, a discussão do amanhã

pando da reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, em março, o chefe de gabinete do Ministério da Reforma Agrária, Marcos Lins, reconheceu a complexidade do caso, culpando os Governos militares por isto: "Não houve por parte dos Governos anteriores a decisão de reconhecer os direitos dos pequenos produtores rurais que foram des-

locados em consequência da construção da Barragem Armando Ribeiro. Situação semelhante aconteceu quando foi feito deslocamento de populações para Itaipu, Tucuruí e outras grandes obras construídas ao longo dos últimos tempos. Isto porque o Governo adotava a postura de não considerar de sua obrigação a reposição dos produtores atingi-

dos por estes projetos na situação de produtores. No melhor dos casos, o Governo considerava que o pagamento de uma indenização seria suficiente".

Lins tem razão. A experiência mostrou que em todos os casos, a indenização em dinheiro não foi suficiente para recolocar os pequenos produtores na condição de produtores, isto é, aquelas pessoas que ocupam, trabalham e retiram da terra o sustento de sua família. A prova maior de que a indenização em dinheiro não é o melhor caminho está contida em levantamento feito recentemente nos municípios do Vale do Açu pela Igreja, FETARN e Sindicatos de Trabalhadores. De acordo com os dados coletados, existem hoje naquela região 1.491 famílias sem terras, totalizando cerca de 7.577 pessoas. Os pequenos proprietários rurais somam apenas 426.

Antes da construção da barragem, 70% dos camponeses da região não possuíam propriedade direta de nenhum pedaço de terra para trabalhar. Este índice, entretanto, aumentou "devido a concentração de terras, a especulação imobiliária e o interesse de grandes grupos nacionais e estrangeiros que

FIQUE COM UM BEM DA TERRA.

Ser cliente do Bandern é vestir a camisa do RN. É valorizar o RN. É colaborar para que os bens da terra fiquem aqui mesmo.

Para que isso aconteça, fique com o Bandern.

Nada mais justo.



planejam desenvolver ali agricultura voltada exclusivamente para a exportação”, diz a Fetarn — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Norte — ressaltando que somente na área desapropriada pelo DNOCS vivem hoje 2.000 famílias sem terra.

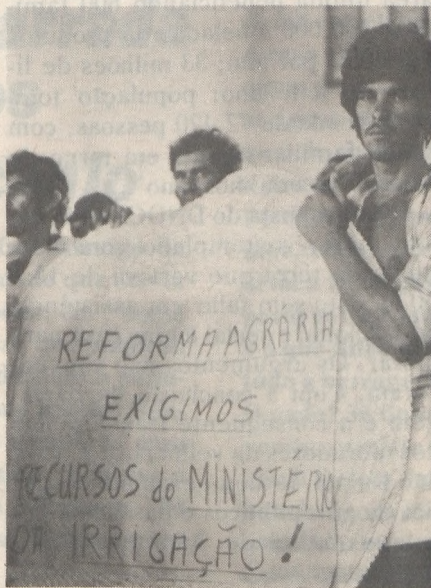
Os objetivos da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves de transformar o Estado no “maior exportador de grãos do Nordeste” estão ficando cada vez mais distantes. De acordo com dados fornecidos pelo IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — houve significativa queda da produção de alimentos básicos entre 1973 (1) e 1982 (2) no Vale do Açu. Somente a produção de algodão herbáceo e de banana aumentou (veja quadro abaixo).

COBIÇA HISTÓRICA — Segundo relata a pesquisadora Nazira Abib Oliveira Vargas em sua “História que o Povo Conta — Opressão & Sobrevivência”, publicada em 1982, o Poder Econômico sempre cobiou as terras do Vale do Açu, contribuindo para aumentar a opressão da classe trabalhadora. À época da colonização, holandeses e portugueses já brigavam tentando conquistar a confiança dos índios Janduís, que habitavam a região.

No trabalho de 353 páginas, que trata da “relação orgânica entre opressão versus sobrevivência e vice-versa”, a pesquisadora ao analisar a questão da produção e reprodução social diz que a população rural daquela área “vem enfrentando uma crescente pauperização decor-



Pelas ruas o protesto



Trabalhadores em luta

rente de longo processo de expropriação econômica aliada à dominação política, alicerçadas por sua vez em seculares mecanismos de repressão, é obrigada a articular e rearticular, criar e criar com os «desperdícios» que lhe vão restando, uma diversificada malha de fazeres e saberes tendo em vista sobreviver à dominação e exploração do capital”.

Tentando fugir a exploração os trabalhadores procuraram inúmeras saídas mas terminaram sendo esmagados pelo capital. Isto verificou-se, segundo Nazira Vargas, quando eles procuraram trabalho nas salinas, ou quando tentaram explorar scheelita e carnaúba no início dos anos 40, ou ainda quando se tentou desenvolver vastas áreas de vazantes, aproveitando o leito seco do Rio Piranhas.

TRABALHADOR UNIDO — Esta situação terminou contribuindo para fazer dos trabalhadores de Vale, um dos mais organizados do campesinato potiguar. Antes da construção da Barragem Armando Ribeiro, foram realizados os maiores movimentos de protesto na região, o que terminou surpreendendo os defensores da obra. Na defensiva, o DNOCS tentou sensibilizar a opinião pública, editando folhetos contendo números capazes de impressionar até mesmo os mais radicais críticos do Projeto Baixo-Açu.

Os folhetos falavam na “redenção do Vale, com água suficiente para a irrigação de 21.497 hectares em regime de agricultura intensiva durante todo o ano; 10.000 ha de

ANOS 1973/1984

CULTURA	AREA (ha)	PRODUÇÃO (t)
ALGODÃO HERBÁCEO	4.610/2.317	692/1.453
FEIJÃO	2.831/2.095	2.548/1.033
MILHO	2.660/1.436	2.050/832
CEBOLA	003/000	012/000
TOMATE	021/000	200/000
BANANA (*)	023/123	042/231

FONTE: IBGE

1 — A partir de 1973, quando tornou-se irreversível o Projeto Baixo-Açu, os bancos passaram a restringir o crédito agrícola para os produtores da região;

2 — Últimos dados coletados pelo IBGE.

SUPER FEIRÃO DE PISOS E AZULEJOS

JOCA, QUE HÁ MUITO TEMPO PRECISAVA REFORMAR SUA CASA, CONTOU A SACI E...

QUE LEGAL, VAMOS JÁ P/O FEIRÃO DA SACI! TUDO PELOS MELHORES PREÇOS... E QUE ATENDIMENTO!

NÃO SEI NÃO ESSE NEGÓCIO DE FEIRÃO TEM MUITA LOJA POR AQUI. EU VOU E PRO ARMÁZEM LÁ DA ESQUINA.



DEPOIS DE ESPERAR UM TEMPÃO P/SER ATENDIDO... UM TEMPÃO P/EXPLICAR...

MOÇO, JÁ EXPLIQUEI CEM VEZES, PRÁ COZINHA, CERÂMICA VITRIFICADA, NO CHÃO, E AZULEJOS NA PAREDE.



NÃO MOÇO, O MELHOR É MADEIRA NO CHÃO. E O SR. TEM SORTE, ESTÁ EM PROMOÇÃO NA LOJA.

MUITAS HORAS DEPOIS, JÁ NA 20ª LOJA...

CLARO DOUTOR, NA NOSSA LOJA O CLIENTE MANDA, E O ORÇAMENTO É GRATIS, VEJAMOS: ÁREA DA COZINHA $3 \times 4 = 12$? OU $4 \times 3 = 12$?



JOCA ESTAVA MALUCO DE RAIVA...

NOS LUGARES EM QUE FOI ENCONTRADO: MAU ATENDIMENTO, PREÇOS ALTOS, INCOMPETÊNCIA, BAGUNÇA, MATERIAIS DE BAIXA QUALIDADE...

ATÉ ODDO, VOCÊ VAI SER CABEÇA DURA? O FEIRÃO DA 50% DE ABATIMENTO NO PREÇO DE PISOS E AZULEJOS. O ATENDIMENTO NA SACI É ESPECIALIZADO E O MATERIAL, DE ALTO NÍVEL E...



ENFIM, O FINAL FELIZ CHEGOU NESTA HISTÓRIA...

PUXA, POR QUE EU NÃO VIM ANTES NA SACI? É TUDO ORGANIZADO MESMO, E O LEGAL É QUE TEM OUTRAS PROMOÇÕES ALÉM DO FEIRÃO. VOU JÁ COMPRAR TUDINHO AQUI!



COLOQUE NA SUA CONSTRUÇÃO OU REFORMA UM FINAL FELIZ. COMPRA NA SACI!

SACI ONDE NATAL COMPRA!

R. GURGEL LTDA
Saci
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pte. Bandeira, 828 - Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 - Ribeira
NATAL-RN



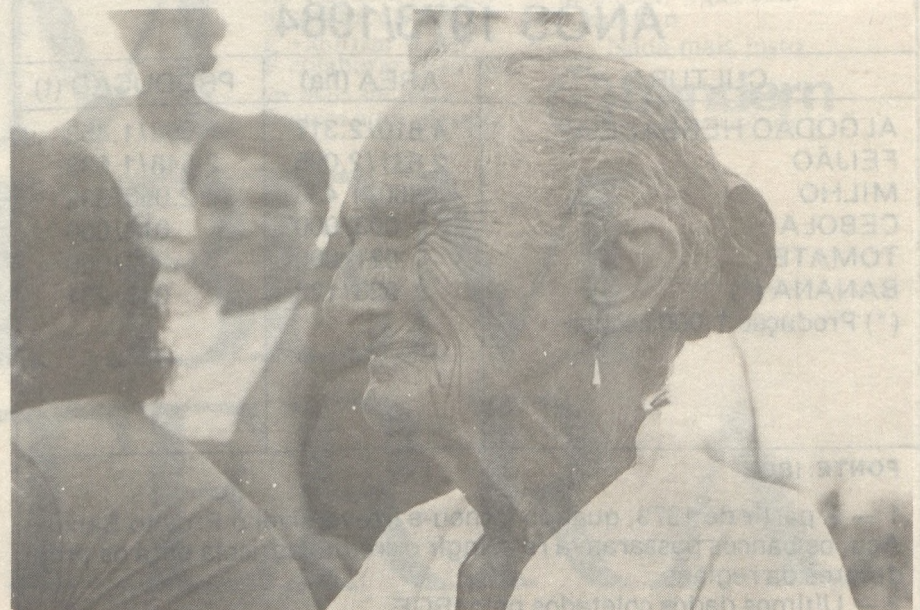
Na igreja, representante do Denocs fala aos trabalhadores

terras de sequeiro e 2.000 ha de área úmida beneficiando 800 famílias; 300.000 toneladas de produtos agrícolas por ano; 33 milhões de litros de leite/ano; população total beneficiada de 72.420 pessoas, com renda familiar líquida em torno de 50 salários mínimos/ano".

Pela proposta do DNOCS cada colono seria contemplado com uma gleba de terra que variava de 15 a 20 ha, isto sem falar em assistência educacional e social e uma casa para morar. Os argumentos não convenceram. Com a conclusão da barragem e a consequente transferência dos moradores da velha para a Nova São Rafael, tornou-se comum a prática de atos públicos e passeatas pelas ruas da cidade. As reuniões ainda se sucedem.

EMERGÊNCIA — Atualmente os

trabalhadores estão lutando para que o Programa de Emergência que está sendo desenvolvido pelo DNOCS seja extensivo a 2.000 desempregados que perambulam pelas cidades do Vale e pelos 13 núcleos de tábuá. "O DNOCS esteve aqui, conversou com nós, mas não ouviu nossas reivindicações. Dizem que vão alistar de 60 a 80 trabalhadores", diz o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de São Rafael, Francisco "Neném" Xavier, referindo-se ao programa elaborado pela direção regional do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas a partir do decreto do ex-governador José Agripino, que incluiu toda a área da barragem em Estado de Emergência. "Ninguém sabe quais os critérios que estão sendo usados pelo DNOCS para promover o alistamento de pessoal", recla-



Apesar da idade esperando solução

mam os técnicos do SAR e MEB, lembrando que a falta de esclarecimento sobre o assunto, por parte do diretor Edgar Montenegro, está prejudicando os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos conjuntamente com outras entidades, como INCRA e FETARN.

Em recente reunião realizada na sede do Sindicato, em São Rafael, os participantes reclamaram do Programa de Emergência e terminaram tomando uma posição: decidiram aceitar o alistamento, mas vão continuar lutando para que o programa seja estendido a todos os desempregados, sejam eles homens ou mulheres que residam na cidade ou nos núcleos rurais. "Está havendo discriminação no alistamento por-

que os barracos onde o chefe da família é uma viúva, ficam de fora", reclama uma senhora já de idade, citando exemplos.

REIVINDICAÇÃO ANTIGA — As reivindicações dos trabalhadores rurais de São Rafael são as mesmas de sete anos atrás: terra, moradia e condições de sobrevivência. Na viagem que um grupo de trabalhadores fez no início deste ano a Brasília, foi entregue um documento ao Ministro da Reforma Agrária e ao Presidente José Sarney. Este documento pedia uma solução para o problema, a requisição das terras já indenizadas e a desapropriação de seis imóveis rurais com capacidade ociosa de produção.

Poucos dias depois uma equipe do INCRA esteve no local fazendo levantamentos. O resultado foi encaminhado a Brasília há mais de dois meses e até hoje nenhuma solução foi tomada. Esta morosidade tem permitido manobras por partes dos proprietários dos imóveis. Dois deles foram registrados como empresas rurais, tentando fugir, assim, do Programa de Reforma Agrária.

No município de São Rafael, hoje, a situação é de descrédito. A população não acredita em políticos, desconfia das ações governamentais e tem o DNOCS como uma sigla mal-dita. □

VICENTE NETO

Uma situação narrada nos versos de Rafael Arcanjo

Nos versos do poeta popular Rafael Arcanjo da Costa, o trauma de toda uma comunidade que se viu obrigada a abandonar todos os seus bens, em "nome do progresso". O Boletim DISPARADA, que publicou o poema pela primeira vez, diz que "durante o período da construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves o DNOCS utilizou de todas as manobras para convencer o povo a abandonar suas casas, inclusive a violência quando havia resistência. Tratores do DNOCS derrubaram casas, destruíram roçados e expulsaram famílias".

TAÇA DE FEL

Esta é a canção da barragem
quando fiz minha viagem prá Nova São Rafael
Das terras de várzeas compridas
fiz minha despedida
engoli taça de fel
Até hoje meu peito arde
quando um dia pela tarde
doutora Arlete (assistente social do DNOCS) chegou
faiscando os olhos em brasa ameaçou
"ou vai receber a casa ou boto outro morador"
como sou muito pobre
discutir com gente nobre
vi que só ia penar
a minha mulher deu um conselho
achei ser um bom espelho
próprio prá gente se olhar
Arrumei os utensílios
meu moinho de moer milho deixei prá depois buscar

certo não era novo
cá me entreti com o povo e deixei as águas afogar
A casa velha caiu
quem estava perto viu quando ela mergulhou
as águas entraram bem dentro
quando chegou lá no centro
a parede desabou
Perdi caibro e perdi telha
meu rebanho de ovelha
ai meu Deus que lá ficou
perdi porta e janela
e o que tinha dentro dela
tudo a barragem afogou
O gado? Já tinha acabado
vendo o projeto (da barragem) formado
vendi o resto das rês
àquela época tão fracas
que dinheiro de uma vaca
carne em quilo hoje compra três
E a mulher ainda dizia:
"que o DNOCS não queria aqui
o gado de vocês"
A casa que eu morava
quando meus filhos chegava
tinha onde agasalhar
Me botaram num mondé
que agora eles ficam em pé
e não tem onde deitar
Certo que é boazinha
mas porém não tem cozinha
eu digo e dou a prova
todo dia eu lamento
só saio deste sofrimento
quando eu marchar pra cova
Aqui na nova cidade
tem muita necessidade
só escuto heim, heim, heim,
gente atrás de serviço
é pesado o reboço
o trabalho nunca vem.

Em defesa do voto livre

A Igreja cai em campo, estimulando a discussão e defendendo uma Constituinte participativa

“Constituinte sem povo não cria nada de novo. É o que anunciam, num tom misto de advertência e denúncia, os cartazes distribuídos na capital e interior do Estado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Natal. Os cartazes, dizem seus elaboradores, refletem a preocupação da Igreja com os destinos da reforma institucional que a eleição de um Congresso constituinte em novembro próximo poderá desencadear. São, ainda, a tomada crítica de posição em relação a elaboração de uma nova ordem constitucional que poderá se debruçar sobre

o país com a cara, trejeitos e interesses de quem a elaborou.

Para externar essas preocupações e colher junto ao eleitorado de mais de um milhão que sairá de casa em 15 de novembro para eleger os representantes do Estado no Congresso constituinte, a idéia e as expectativas em relação a convocação dos constituintes, integrantes e colaboradores da Comissão Justiça e Paz estão viajando pelo interior do Estado. De 1.º de março até o fim de maio, quarenta debates foram realizados em municípios localizados nas diferentes regiões do Estado.

O coordenador dos debates, Teruliano Cabral Pinheiro, estudante de Estudos Sociais da UFRN e membro da CJP, afirma que comparecem a esses debates entre 50 e 200 pessoas. Não há clientela específica — “os temas são propostos pelos organizadores, mas sempre fala sobre Constituinte, educação e violência”. Assim, aos debates, dependendo do município onde se realizam, comparecem estudantes de segundo grau, universitários dos Campi Avançados da UFRN e professores. Também aparecem para discutir Constituinte trabalhadores rurais e líderes sindicais.

Os debates duram no máximo uma hora e, segundo constata Teruliano Pinheiro, noventa por cento dos participantes sequer sabem o que são Constituinte e Constituição. Isso não diminui, aparentemente, o ânimo dos organizadores que procuram ao final de cada debate deixar um grupo encarregado de dar seqüência as discussões. Entretanto, ocorrem surpresas em meio a tanta

Constituinte, um tema que os jovens desconhecem

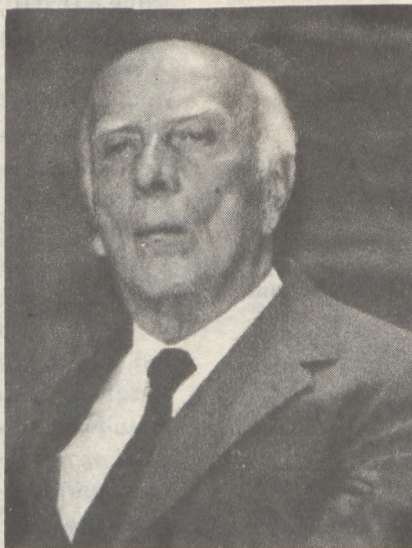
Apesar de nem sequer ter aparecido aos olhos dos “mortais”, o cometa Halley parece ter mobilizado mais os natalenses do que a Assembléia Nacional Constituinte que se avizinha, e que certamente mudará os rumos do país. Os jovens, por exemplo, estão acompanhando de longe a campanha eleitoral que já promete ser movimentada, e pouco refletem sobre o destinatário do voto a ser dado em 15 de novembro, quando serão apontados os seus integrantes, desde logo empenhados na briga por uma vaga.

Mesmo em época de campanha, não é difícil a qualquer curioso encontrar dezenas de estudantes desconhecendo totalmente algumas pessoas chave da política brasileira, como o próprio presidente da Câmara dos Deputados e eventual Presidente da República, deputado Ulysses Guimarães. O alheamento quase que total desses jovens tem sido debitado ao

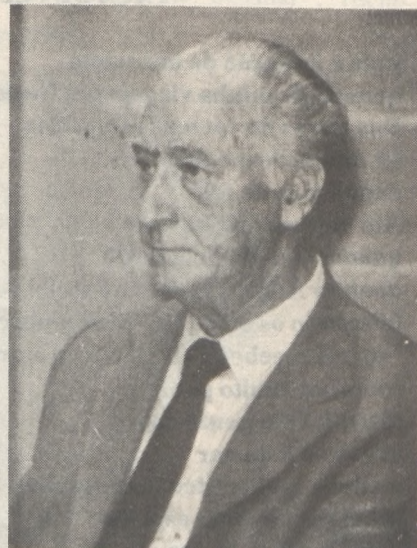
ensino brasileiro, ironicamente, por alguns dos políticos mais atentos, que de um modo geral não são eleitos com votos desses estudantes.

SEM POTILIZAR — Na verdade, a abertura política por si só não

politizou nem conscientizou as gerações formadas sob e pelo regime militar. Ainda hoje, muitos jovens escolhem seus candidatos como quem escolhe uma roupa. Nesses casos para as mulheres, como nos versos de Vinícius, beleza é fundamental, e os candidatos nessa condição já saem na frente. Isso ficou caracterizado em várias eleições, quando candidatos como Jessé Freire Filho, Henrique Eduardo Alves, José Agripino, e atualmente Flávio Rocha, arrancam elogios em público.



Quem estes senhores...



... na política nacional?



Tertuliano: poucos sabem o que é Constituinte e Constituição

falta de conscientização, que segundo Tertuliano, são proporcionadas por líderes sindicais. O grupo, porém se sente satisfeito em colocar um conceito de Constituinte e Constituição.

TEMOR E CORONELISMO — Partindo de uma exposição sobre o tema para determinar o nível de informação do público, os debatedores questionam a realidade de cada município visitado quando consta-

tam o quanto ainda é forte o coronelismo no interior. “A gente percebe o medo das pessoas de se posicionarem. Elas falam de seus problemas, mas quando se fala na necessidade de organização surgem as dúvidas e o temor”, assinala Tertuliano Pinheiro, dizendo ainda que nesses debates, a Igreja toma conhecimento de denúncias e citações de caso de violência no campo.

Os políticos nunca comparecem aos locais de debates e os organizadores que no primeiro mês não haviam detectado repulsa por parte da comunidade. As primeiras reclamações de políticos registraram-se ao fim de um encontro de dois dias, em abril último, nos municípios de São Bento do Norte e Caiçara. A partir daí, no período que antecede aos debates, os organizadores tomaram conhecimento de críticas do tipo “isso é coisa de comunista”. Dias depois em Pau dos Ferros, na véspera dos debates com professores de ensino religioso, integrantes da

Outro componente de peso — o mais forte de todos — é o montante de recursos que detém cada candidato. A ordem então é massificar nomes, amparando-se justamente na superficialidade exagerada que muitos adotam quando escolhem os seus. Os candidatos com poucos recursos, como é natural, têm poucas chances de eleição, enquanto pouca gente tem dúvidas da boa votação de Flávio Rocha, há algum tempo citado como o candidato de um milhão de dólares. O PMDB também saiu com candidato bem dotado de recursos, o ex-chefe da Casa Civil de Tarcísio Maia, José Bezerra Marinho.

CONSTITUINTE? — Para medir o engajamento dos jovens no processo político do país, RN/Econômico foi às ruas ouvi-los. Dos depoimentos, a conclusão é que de Constituinte poucos entendem, como é o caso de Edineuma Lopes, estudante de 15 anos, e que reside no Alecrim: “não tenho nem idéia”, informou. Edineuma não vota, e também não sabe quem é Ulysses Guimarães na política brasileira, embora já tenha ouvido falar sobre ele. Ela sabe, no entanto, que Leonel Brizola é o nome de um

governador de Estado, mas não se arrisca a dizer de onde.

Irani Costa Bezerra tem 18 anos, e portanto vai votar pela primeira vez este ano. Embora declare que não vem acompanhando bem o processo, já escolheu seus candidatos (antes mesmo de homologados pelas convenções partidárias): João Faustino para governador; Flávio Rocha para deputado federal. Irani estuou até a 5.^a série do primeiro grau, e deixou o colégio no ano passado. Constituinte, para ela, é palavra bastante familiar, mas também não lembrou como defini-la.

Amaury Marcos da Costa, 19 anos, estudante da 8.^a série do Colégio Augusto Severo, conhece Brizola, e tem ele como “um mau político”, embora não saiba bem porque. Não conhece Franco Montoro nem Ulysses Guimarães, e acha que a situação do país atualmente está ruim, apesar do Plano Cruzado. Sarajara de Castro, 20 anos, moradora do Cidade Satélite, diz que não vai votar em ninguém este ano, “porque nenhum deles merece”. Estudante do 2.^o ano do 2.^o grau no Atheneu, Sarajara confundiu: Montoro é governador do Rio; Brizola, de São Paulo.

SUBORNANDO — Os exemplos de menos alheimento são raros, mas existem. José Juscelino Costa Rego, 20 anos, estudante do segundo grau no Colégio Agrícola de Jundiá, tem uma opinião formada. Ele acha que a Constituinte está correndo o risco de ser “subornada”. “Estou achando que estão querendo modelar a Constituinte através do suborno, quando vêm alguns candidatos como Jessé Freire, Flávio Rocha, Ismael Wanderley e tantos outros empresários que sempre estiveram à margem do processo, querer enganar e ludibriar o povo”, arremata.

José Raimundo Alves Filho, de 23 anos, residente em Igapó e com curso a nível de segundo grau, disse esperar que o assunto Constituinte seja bem estudado antes de qualquer iniciativa ser tomada. A partir dela, entende que todo o país deve ter justiça e igualdade de oportunidades. Já Paulo Antônio Silva, militar, 28 anos, acha que o tema prioritário para a Constituinte deve ser educação. Quanto aos políticos, “são todos uma negação”. Para ele, a situação do país está melhorando, embora ache que, no Plano Cruzado, os salários deveriam ter sido congelados em níveis mais altos.

SEU CARRO FAZ PARTE DO SEU DIA-A-DIA

Em Carlos Auto Peças você encontra tudo que ele precisa: som, acessórios, peças originais, tintas automotivas e um tratamento todo especial.

- Loja 1 — Alecrim — Tel.: 223-2608
- Loja 2 — Hiper Bompreço — Tel.: 221-2831
- Loja 3 — Shopping Cidade Jardim — Tel.: 231-1119

CARLOS AUTO PEÇAS

A CASA QUE TEM TUDO



Café SÃO BRAZ

O CAFÉ DA FAMÍLIA

Rua dos Paianazes, 1545
PABX 223-2379
Natal-RN — 59.000



CONCESSIONÁRIO DO
CENTRO DE CULTURA
ANGLO AMERICANA
INGLÊS AUDIOVISUAL

O C. C. A. abre matrículas para o 2.º semestre-85. CURSOS: Regular, de Viagem, Intérprete, Inglês Comercial. O C. C. A. A. veio para servir. Venha ficar com a gente.

AV. RIO BRANCO, 767 — TEL.: 221-1468
CIDADE ALTA — NATAL-RN

COMÉRCIO

OS MELHORES END



EMSERV

EMPRESA DE SERVIÇOS
E VIGILÂNCIA LTDA.

VIGILÂNCIA BANCÁRIA,
INDUSTRIAL, RESIDENCIAL
E ÓRGÃOS PÚBLICOS.
TRANSPORTE DE VALORES
EM VIATURAS BLINDADAS.

Av. Campos Sales, 682 — Fones: 222-1810 — 222-1360 — Natal-RN — 59.000



Restaurante Xique-Xique

- Ambiente excepcional
- Cozinha excelente
- Atendimento sem igual

O ponto ideal para seu almoço ou jantar

Av. Afonso Pena, 444 • fone 222-4426

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

Do lay-out a impressão, RN/ECONÔMICO tem a solução. Formulários, notas fiscais, cartazes, material de expediente, tipográfico ou off-set, procure RN/ECONÔMICO. Faça do seu material sua apresentação.



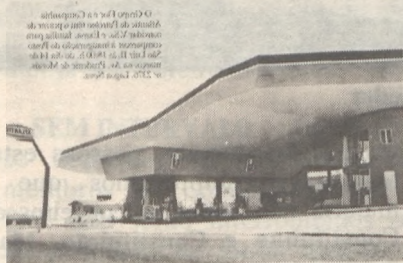
FAÇA COMO MAIS DE 200 EMPRESAS, PROCURE RN/ECONÔMICO!

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel. 222-4722 Centro

& SERVIÇO

PREÇOS DE NATAL

Vamos alcançar um novo posto.

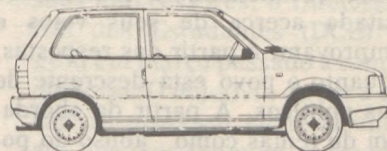


Rapidez no atendimento, ambiente amplo e agradável — check-up.

6 lojas de produtos e serviços, ilhas geladas (sorvetes e refrigerantes), loja Use e super-troca, possui 2 pavimentos que permitem abastecimentos de 17 carros simultaneamente.

AV. PRUDENTE DE MORAIS, N.º 2376 — FONE: 321-1657 — LAGOA NOVA

ALUGUE UM CARRO



Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: (084) 222-4144 — 223-1106
Telex: 084-2544 — DUDU-BR
Aeroporto Int. Augusto Severo
Fone: 272-2446 — Natal-RN

Nick DOCES E FLORES

BUFFET

ALMOÇO AOS DOMINGOS
C/MESA DE FRIOS — CHÁ DAS 5.

MATRIZ: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 618
FONE: 222-3318
FILIAL: CCAB — LOJA 6 — FONE: 222-4833-
NATAL-RN

videofoto mania

é pra sempre

HIPER CENTER BOMPREGO
TELEFONE: (084) 222-7607

Siga a estrela



Riachuelo

ONDE VOCÊ COMPRA MELHOR

Para fazer uma boa compra, tudo pelo Jet-Cred ou Cartão de Crédito Riachuelo.

R. JOAO PESSOA, 254 — FONE: 221-3727
NATAL-RN

As melhores marcas em material de expediente e escritório.

WALTER PEREIRA
LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

LIVRARIAS:

- ISMAEL PEREIRA (Ribeira)
- UNIVERSITARIA (C. Alta)
- WALDUPE (C. Alta)
- MODERNA (Alcirim)



CHINA'S
TURISMO

EMBRATUR 03467-00-42-4

Passagens, excursões aéreas, marítimas, rodoviárias nacionais e internacionais. Diário — Conta-Corrente — Aluguéis de carros — Traslados e passeios pela cidade.

PASSEIO MARÍTIMO EM VELEIRO — Saída diariamente às 09:00 horas do late Clube, indo até a Praia de Ponta Negra. Preço por pessoa: USD 10,00.

FERNANDO DE NORONHA — Cruzeiro inesquecível em veleiro: — Duração 7 dias, incluindo um dia em Atol das Rocas, estadia e refeição à bordo. Preço por pessoa: USD 160,00.

Rua Jundiá, 340 — Tirol
Tel.: (084) 222-4685 — 222-0180
CEP 59.000 — Natal-RN



Cooperativa dos Produtores
Artesanais do Rio Grande do Norte
FUNDADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1963

Comercializa artigos de artesanato em palha de carnaúba e sisal, bolsas, sandálias, tapetes, serviços americanos e outros.

Rua Jundiá, 353 — Tel.: (084) 222-3802 — 222-0662
Endereço Telegráfico: "COPALA"
59.000 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

Comissão Justiça e Paz foram procurados por uma pessoa ligada aos políticos locais. O enviado recomendou que os debatedores usassem tom leve e não tocassem em questões locais nem "coisas como latifúndio".

Imunes a pressões e recomendações, os organizadores seguem em frente questionando a comunidade visitada acerca de seus votos e comprovam, a partir das respostas, o quanto o povo está descrente de seus políticos. A partir da abordagem de temas como "abuso do poder econômico", a equipe tenta esclarecer a população para que somente se comprometa com candidatos compromissados com lutas populares. Debatedores terminam por levar a assistência a estabelecer critérios, evitar os políticos "Copa do Mundo", donos, geralmente, de grande poder econômico, e verificar a prática dos candidatos antes e durante campanha eleitoral.

Nomes de políticos são evitados para que o debate não se transforme em crítica pessoal a este ou aquele candidato, mas com a definição de critérios e a tentativa de delinear o perfil do candidato à Constituinte, os nomes sempre surgem



Dom Hélder Câmara, um possível debatedor

acompanhados de queixas e críticas.

Enquanto em Natal o grupo responsável pelos debates tem constatado também que o nível de informação e conscientização quase não muda em relação a população do interior do Estado, neste a aceitação dos debates é maior do que na capital. "Para surpresa nossa, em debates com pessoas engajadas em lu-

tas na comunidade, pessoas estas formadas, comprovamos que a maioria não sabia os conceitos de Constituinte e Constituição. Mas, mesmo assim, vê-se que o nível de desinformação tanto na capital quanto no interior vem diminuindo", revela Tertuliano.

Empenhada em estender a todos o trabalho mais orgânico de discussão sobre uma nova ordem constitu-

CODIF TEM.

As melhores marcas em ferramentas, material elétrico e motores elétricos. Equipamentos para piscinas e produtos químicos para tratamento d'água. Banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas, tintas e ferragens. Instrumentos de medição, máquinas de solda e abrasivos.



CIA. DISTRIBUIDORA DE FERRAGENS

NATAL — RUA DR. BARATA, 190 — TELS.: 222-3571/8033/8210 — TELEX: 2252.
RECIFE — SÃO LUIZ — SÃO PAULO — FORTALEZA — MACEIÓ — ARAPIRACA
PALMEIRA DOS ÍNDIOS.

cional para o país, a Comissão de Justiça e Paz utiliza os temas abordados em debates como subsídios para a elaboração de um programa diário de rádio de apenas cinco minutos. O programa, o "Momento da Constituinte" é veiculado às 11h40min, de segunda a sexta, em cadeia de rádio formadas pelas emissoras de Rádio Rural de Natal, Mossoró e Caicó, logo após o Jornal de Integração Regional. Durante cada programa são abordados temas como Trabalho e Constituinte. "Não há o feed-back, o retorno. O grupo pensou na exigüidade do tempo para abordar esses temas, mas esbarrou nas dificuldades de pagar um programa diário de rádio de pelo menos uma hora de duração", lamenta-se Pinheiro.

SEM INTERVALO — Os debates, se depender da disposição dos membros da Comissão Justiça e Paz, não serão interrompidos durante o mês de junho quando as atenções estarão voltadas para os

estádios do México, onde se realiza a 13.^a Copa do Mundo de Futebol. Sempre, segundo Tertuliano Pinheiro, os debates não só não serão interrompidos durante a Copa como deverão se estender até janeiro do próximo ano quando será instalado o Congresso constituinte.

No segundo semestre, os debates entram em nova fase com a provável presença em Natal do bispo pernambucano Dom Helder Câmara, o também bispo Dom Mauro Morelli, de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, do jurista Raimundo Faoro. Também estão na lista dos prováveis convidados o também jurista Dalmo Dallari e o filósofo Fábio Comparato, que renunciou a sua condição de membro do grupo dos "notáveis" — denominação dos integrantes da comissão de trabalhos preparatórios para a Constituinte.

Comparato é integrante da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, da qual também figuram o jurista Dalmo Dallari e o historiador Hélio Bicudo. □

UNIVERSIDADE

A briga pela Reitoria

Os segmentos da UFRN começam a armar as peças do jogo da sucessão, longe de Genivaldo

Enfrentando uma das mais agudas crises de sua história, uma cidade de quase 16 mil "habitantes" prepara-se para jogar nas urnas, em setembro próximo, a dois meses das eleições gerais, mais um lance de um intrincado jogo político que sempre impôs, conforme as conveniências de ocasião, os seus administradores. A cidade se situa nos domínios do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) palco de uma disputa pela sucessão do Reitor Genivaldo Barros.

De olho na principal cadeira do prédio da Reitoria, cuja suntuosidade já começa a apresentar sinais de decadência tão comuns a toda extensão do Campus Universitário, estão os candidatos "naturais", os "independentes", os candidatos de si mesmo e os remanescentes de administrações passadas. Deflagrado em março passado pelo Diretório Central dos Estudantes, o processo

sucessório se situa numa fase ímpar e histórica que registra a condução do processo eleitoral entregue à comunidade acadêmica.

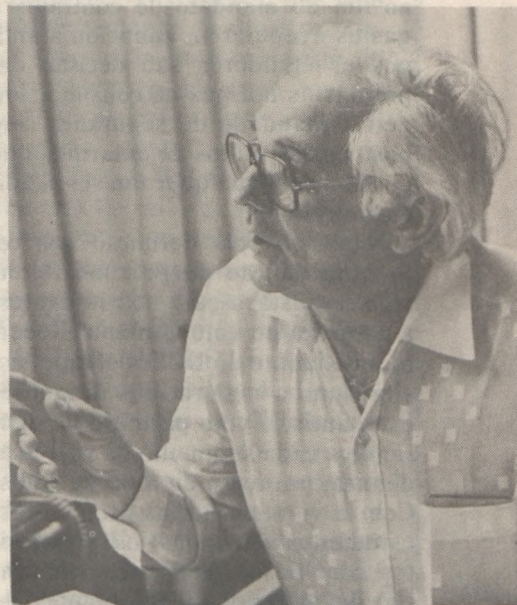
Entrincheirado na oposição a qualquer proposta que represente continuidade do processo de declínio visível há anos no Campus Universitário, os candidatos "naturais" sempre cotados no meio da comunidade acadêmica, falam, estrategicamente, que ainda é cedo para lançar nomes. Entretanto, com o próprio dinamismo de qualquer campanha eleitoral, os nomes já estão postos: o vice-reitor Daladier da Cunha Lima está há muito tempo em campanha, contando com a máquina administrativa. Contra seu nome estão reunidos os setores da comunidade empenhados em que os ventos da redemocratização do país cheguem, finalmente, aos domínios da UFRN. Sob as mesmas bandeiras, mas apresentando a variante do administrador competente e compromi-

sado com os destinos da autarquia, que diz ter sido, está o ex-reitor Domingos Gomes de Lima, que chegou à Reitoria da mesma forma que seus antecessores e os que o sucederam: pelas mãos do falecido Senador Dinarte Mariz.

Para evitar que o próximo ocupante da Reitoria percorra os mesmos caminhos ou gabinetes que seus antecessores, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) deflagrou em março passado a campanha eleitoral. O objetivo, de ver a condução do processo eleitoral entregue aos diversos segmentos da vida universitária, foi obtido: uma comissão eleitoral formada por representantes dos estudantes (DCE), professores (Adurn), funcionários (Afurn). Também têm assento na comissão um representante dos Conselhos Superiores — Consuni e Consepe.

A perda de terreno por parte do Reitor Genivaldo Barros na formação da comissão eleitoral foi visível e mostrou o quanto a comunidade deseja vê-lo longe da disputa. Os interesses da administração têm apenas um voto na comissão eleitoral: o do professor Dalton Melo, representante do Consuni. Na eleição do representante da Adurn na comissão, Genivaldo Barros colheu mais uma derrota. Seu candidato, o vice-diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Josué Castro, foi derrotado pelo professor Lúcio Flávio, que seria mais tarde indicado por seus pares presidente da comissão.

Reunindo-se duas vezes por semana, os membros da comissão eleitoral ultimaram antes do final de maio o regimento da comissão e



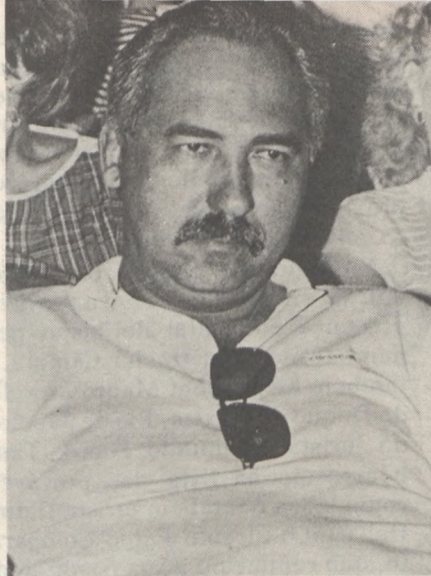
Genivaldo, fora do processo

preparavam-se para, nas primeiras semanas de junho, apresentarem as normas da consulta direta a ser realizada, provavelmente em setembro. Semanas antes, estudantes, funcionários e professores haviam conseguido junto aos colegiados superiores o Conselho de Curadores, o compromisso de homologar os nomes da lista sêxtupla e fazer gestões junto ao Ministério da Educação e Presidência da República para que, ao contrário das consultas anteriores, seja indicado reitor o candidato mais votado.

AS REGRAS DO JOGO — Na definição das regras do jogo coube aos colegiados superiores a jogada de maior repercussão: seus representantes, após a discussão, levaram à comissão eleitoral a proposta de que somente poderá ser candidato aquele que prestou serviço nos últimos dois anos na área de ensino, pesquisa, extensão e administração. A proposta foi rejeitada em assembléia geral dos quase quatro mil funcionários que viram nisso a possibilidade concreta de afastar do páreo o ex-Reitor Domingos Gomes de Lima, que diz estar de posse de pesquisas que o apontam como candidato de quase 70 por cento dos votos dos funcionários. Segundo expectativas, a proposta teria reações diferentes nas assembléias gerais dos estudantes e professores.

Sentindo-se verdadeiramente alvo da decisão dos colegiados superiores, Domingos Gomes de Lima, que administrou a UFRN de 1975 a 1979 e continua creditando a "agressões injustas" as acusações, ao fim do mandato de contratos e gastos irregulares, anunciou a amigos e seguidores sua decisão de, prontas as normas da consulta, impetrar mandado de segurança com base nos estatutos da autarquia que possibilita a qualquer um ser candidato a reitor.

Na briga pela definição das regras da eleição do próximo reitor, algo se destaca para os estudantes: a natureza do voto. Antenor Roberto, presidente do DCE, defende, assim como a maioria dos dirigentes estudantis, o voto paritário assegurando a cada segmento da vida acadêmica, um terço do total de votos. Com o voto paritário, professores, estudantes e funcionários teriam votos com pesos diferentes em função da quantidade de votantes de cada segmento. Antenor Roberto lembra que há quem defenda o voto



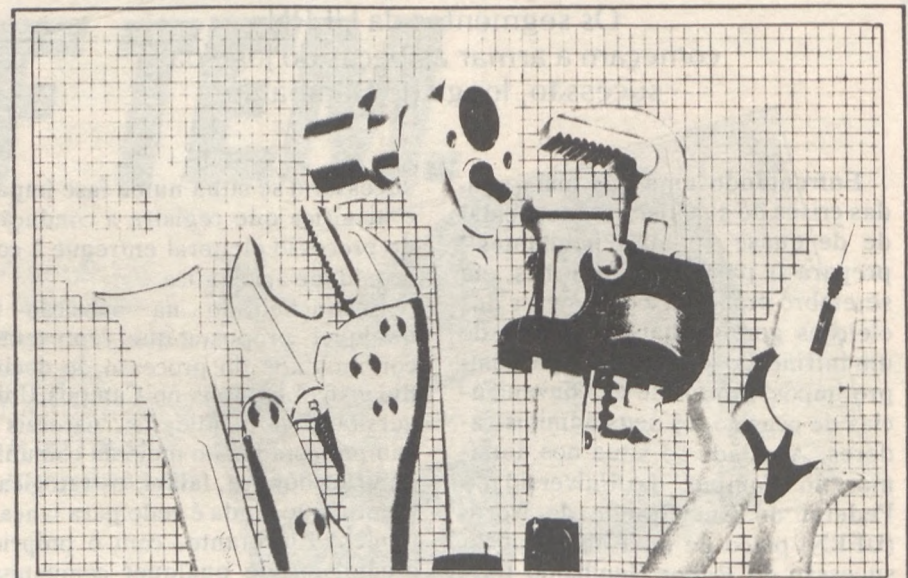
Domingos, agora sem Dinarte

universal que asseguraria aos estudantes (quase 10 mil) o maior peso na disputa. Para Antenor Roberto, o que não deve ser adotado é o voto proporcional, que asseguraria aos segmentos pesos diversos: "O voto proporcional é casuístico. O voto paritário seria uma forma de democratizar com os três segmentos participando da disputa em condições de igualdade", argumenta.

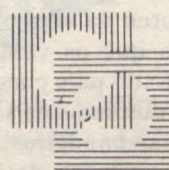
OS CANDIDATOS — Se os colegiados superiores deram um sinal

de que há divergências quanto a apresentação de candidatos (os professores afastados podem ser candidatos?) pelo menos entre os candidatos de oposição as propostas da atual administração não há qualquer oposição a instituição do voto paritário.

O professor Waldson Pinheiro, um dos muitos nomes cotados para serem candidatos, defende o voto paritário, assim como ataca a legislação autoritária que obriga a Universidade a enviar até 120 dias antes de maio, fim do mandato de Genivaldo Barros, a lista sêxtupla dos candidatos a sucessão. "Isso obriga a comunidade a fazer a eleição entre setembro e outubro, antes das eleições, em vez de realizá-la no primeiro semestre do ano que vem, em março", afirma. Pinheiro, que dependendo da convenção do PDT — partido do qual é presidente regional — em julho, poderá sair candidato a deputado estadual, e ficar fora da disputa no Campus, espera que o esforço pela democratização, ainda que não da forma ideal, não seja interrompido como o foi na sucessão de Diógenes da Cunha Lima. Mas não pretende se candidatar: "Não tenho a pretensão de ser candidato a tudo. Mas não



Quem conhece a diversificação de material para montagem e manutenção industrial de Queiroz Oliveira, topa qualquer parada.



QUEIROZ OLIVEIRA
MATERIAL PARA MANUTENÇÃO
E MONTAGEM INDUSTRIAL

NATAL — SALVADOR — FORTALEZA.

descarto a possibilidade de vir a ser candidato. Seria honroso ser lembrado”.

ESPÍRITO MUDANCISTA — Enquanto a administração atual parece ter se curvado ao espírito democrático, o espírito das mudanças coloca como candidatos naturais os professores Justina Iva, do Departamento de Serviço Social e João Felipe da Trindade, do Centro de Ciências Exatas. Antenor Roberto, que luta pela formação de unidade para combater a chapa da situação, diz

que Justina Iva e Trindade são candidatos naturais por seus passados de lutas por mudanças. “Mas não podemos falar em campanha enquanto as normas da consulta não forem estabelecidas”, lembra.

O aviso do presidente do DCE está muito presente nas declarações da professora Justina Iva: “As regras ainda estão sendo discutidas. A Adurn defende por exemplo a inscrição em forma de chapas. Eu não tenho o projeto pessoal, individual de ser candidata. Se as articulações concluírem que é o melhor

nome para disputar e arregimentar forças. Há pessoas que colocam candidaturas individuais e já se assumem publicamente como candidatas”.

Entre as candidaturas individuais já postas estão a do vice-Reitor Daladier da Cunha Lima, a do professor Adilson Gurgel de Castro, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e, correndo por fora, a do ex-Reitor Domingos Gomes de Lima. Há também possibilidades de candidaturas emergirem de setores da administração que emprestam

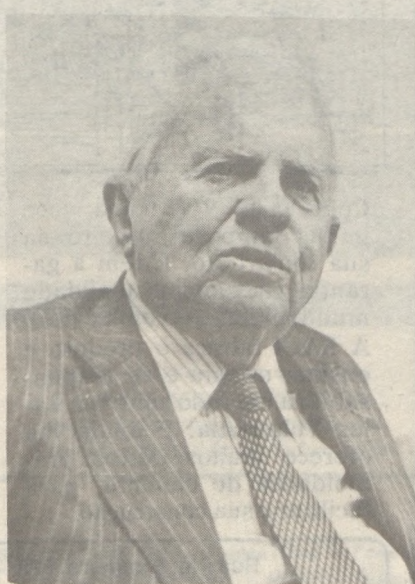
A sucessão sem Dinarte, um fazedor de reitores

A próxima consulta para escolha do reitor da UFRN será a primeira após a morte do senador Dinarte Mariz, falecido em 1984, menos de dois anos depois de fazer chegar à Reitoria da autarquia o ex-secretário de Saúde do Estado, ex-vice-governador, ex-presidente do Tribunal de Contas, Genivaldo Barros. Um dos principais responsáveis pela criação da Universidade no Estado, Dinarte Mariz sempre esteve presente nas escolhas dos antecessores de Genivaldo Barros, de Onofre Lopes da Silva a Diógenes da Cunha Lima, passando por Genário da Fonseca e Domingos Gomes de Lima.

Conta-se que o candidato do senador Dinarte Mariz à sucessão de Diógenes da Cunha Lima, que administrou a UFRN de 1980 a 1983, era o seu suplente, também biônico, Moacir Duarte. Após constatar que não conseguiria colocar Duarte no posto de reitor, uma vez que o nome do suplente sequer figurava na lista sêxtupla levada ao Ministério da Educação, o senador foi um dia à residência de Genivaldo Barros. “Vim tomar café com o próximo reitor da UFRN” vaticinou, ao encontrar Genivaldo. A previsão, que na verdade era a expressão de um desejo bem recebido nos gabinetes do Planalto Central, confirmou-se e Genivaldo, um dos “lanternas” na lista sêxtupla, chegou à UFRN para administrar uma das piores fases de

sua história marcada pelo imobilismo.

FIM DO PATERNALISMO — Em entrevista a um jornal da capital, Domingos Gomes de Lima defendeu o fim do paternalismo e da vinculação da Universidade ao sistema federal, apontou a omissão da atual administração que não realiza esforços em busca de recursos e deu um perfil do próximo reitor: “Deve ser um executivo competente, aberto e com capacidade para ouvir. Não deve ser secretário, limitando-se a ser o coordenador de decisões”. O perfil de reitor delineado por Domingos Gomes de Lima, que também defende a adoção de um Plano de De-



Dinarte Mariz

envolvimento para a UFRN, não parece ser a preocupação dos que integram o grupo de oposição a atual administração.

O professor Waldson Pinheiro ressalta a importância da próxima eleição para reitor, dizendo que “o próximo reitor vai ter a oportunidade de realmente presidir a reforma universitária. Os tempos já estão maduros. O Ministério da Educação tem projetos. O próximo reitor pode acelerar para o bem ou para o mal o processo da reforma universitária, atendendo a comunidade ou fazendo o jogo do Governo “que é da reforma de cima para baixo. Mas se o pior acontecer, o pessoal não vai engolir isso e o reitor ficaria numa situação muito ruim”.

NOVA FASE — Se o êxito da próxima consulta depender do poder de pressão e do nível de organização dos diversos segmentos da vida acadêmica, está assegurado. Essa é pelo menos a opinião da “reitorável” Justina Iva, que vê o encaminhamento da atual campanha sucessória uma conquista da Universidade e não uma concessão. “O processo sucessório vai inaugurar uma nova fase na UFRN. Será o fim de eleições em gabinetes de reitores sem compromissos com a comunidade acadêmica, e que só tinham compromissos com aqueles que os indicam”.

Para a ex-chefe do departamento do curso de Serviço Social, a consulta ainda deixa a desejar, uma vez que está condicionada a confecção de uma lista sêxtupla. Afirma, entretanto, que o próximo reitor terá compromissos com a Universidade, pois será eleito com base em suas propostas. “Não será o reitor de facções partidárias”, anuncia.

apoio condicional aos desejos do Reitor Genivaldo Barros. Assim, também têm seus nomes ventilados os pró-Reitores Jaime Mariz (Assuntos Estudantis), Liacir Lucena (Pesquisa e Pós-Graduação) e Geraldo Queiroz (Extensão Universitária). Em contraposição aos nomes que contam com a simpatia da comunidade como Pinheiro, Justina Iva, Adilson Gurgel de Castro e João Felipe Trindade, há exemplos de pessoas com as quais grande maioria da comunidade não "fecha", como é o caso da diretoria do CCHLA, Maria das Graças Viveiros. Do grupo dos nomes ventilados em reuniões, articulações, também aparecem os nomes dos professores afastados temporariamente da vida universitária, exemplo do professor Cláudio Emerenciano, atual chefe do Gabinete Civil do Prefeito Garibaldi Filho.

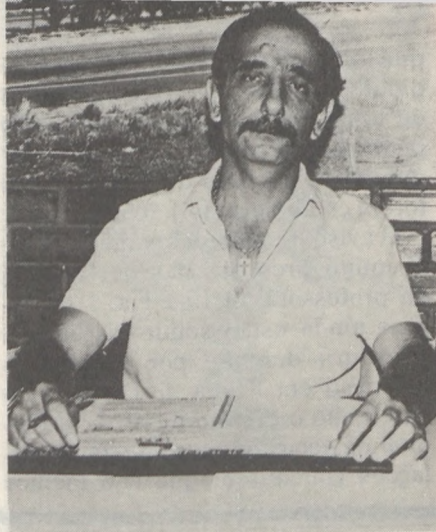
Outros nomes estão sendo discutidos, já que a inscrição deverá ser por chapas, e serão colocados, quando terminar a fase de definição das regras da consulta que todos consideram um avanço embora ainda atrelada ao encaminhamento de uma lista sêxtupla ao Ministério da Educação. Quase todos admitem que a consulta ideal está longe daquela condicionada a um artifício sempre usado pelo regime passado para tentar legitimar a escolha do reitor, que visava na verdade, atender a interesses político-partidários de ocasião, desvinculados das necessidades da Universidade, cuja única lição que perdurou nos últimos foi a do abandono. □

CARRO

Sem estoque

Falta carro,
novo e usado sobe
de preço

Passados três meses de editado o "pacotado econômico" do Governo Federal, muitos setores da economia já fazem seus balanços e prognósticos, baseados na evolução dessa nova ordem. Aqui em Natal, um desses setores é o de revenda de veículos novos, que se encontra numa situação, ironicamente, geradora de inflação nos velhos tempos do cruzeiro: a procura maior do que a oferta. As revendedoras vêm rece-



Marcos Artur, da Divemo

bendo inúmeros pedidos de veículos, mas nem sempre dispõem do carro para a entrega rápida.

De todos os revendedores ouvidos por RN/Econômico, a informação é de que não vem sendo possível atender a todos os pedidos. Além disso, o volume de compradores a cada mês vem sendo bem maior do que a cota de veículos que cada revendedora tem do fabricante, e que geralmente seria grande em tempos normais, como antes de março,



Otacílio Pio, da Gavarelo

quando o Governo Federal lançou o Plano Cruzado, tabelando mercadorias, congelando preços e forçando a queda abrupta da inflação. Como os demais ramos da economia o setor automobilístico também passou a expandir-se.

A Sertaneja Veículos, por exemplo, foi uma das revendedoras que viu aumentar muito o volume de pedidos, mas por outro lado, viu também diminuída a sua cota vinda da fábrica. No entender do seu gerente

LAJES VOLTERRANA

ECONÔMIA,
SIMPLICIDADE E
QUALIDADE.



Com Lajes Volterrana você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.

A SACI fabrica o produto e ensina, orienta e se responsabiliza em tudo sobre as Lajes Volterrana. E ainda lhe oferece muitos outros pré-moldados de cimento, para facilitar a sua construção.



R. GURGEL LTDA.

Rua Pte. Bandeira, 828 — Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 — Ribeira
NATAL-RN

de vendas, Luiz Alberto, os fabricantes passaram agora a exportar mais a produção, já que o Governo Federal tem interesse em ver geradas divisas para o país. "O que eu acho é que estão exportando muito. A fábrica não diz, mas essa é a minha opinião", sentencia. Para reforçar essa situação, lembrou ele, existem os incentivos à exportação.

VENDA GARANTIDA — Para não gerar constrangimentos, a Sertaneja Veículos simplesmente deixou de receber todos os pedidos que chegam à sua porta. Agora, a revendedora simplesmente anota o nome e endereço do interessado, e à medida que os carros novos vão chegando, os contatos são feitos e só então, a venda consumada. "Nós temos base para entrega", salienta Luiz Alberto. "A fábrica entrega o número de veículos que quer. Quem disser que está com cota certa por mês, está chutando", completa, argumentando que o Governo deve dar estímulo à venda interna, por exemplo, diminuindo sua arrecadação de Imposto sobre Produtos Industrializados — IPI.

Na Granorte Veículos e Peças, segundo o gerente Edmilson Torres

Teixeira, o volume de pedidos feitos garante as vendas por um bom tempo. Vendendo apenas carros da marca Volkswagen, a Granorte tem atualmente 500 pedidos em carteira, e ao contrário do que diz o gerente da Sertaneja Veículos, tem cota mensal certa: sessenta unidades. Edmilson garante que a entrega vem sendo normal, dentro do que permite a relação procura/oferta. Sobre a normalização por completo do mercado, ele não arrisca previsões.

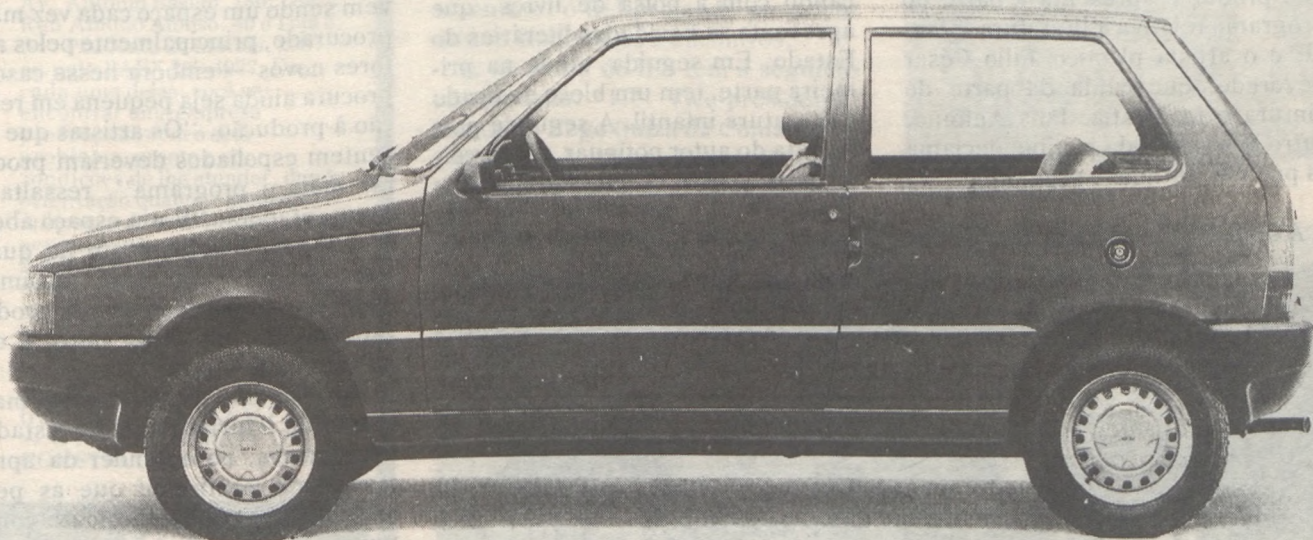
O gerente da Granorte discorda frontalmente de Luiz Alberto no que diz respeito ao escoamento de carros novos para exportação. "Absolutamente. Isso não existe; o que existe é aquecimento do mercado", anuncia, completando que a própria Volkswagen jogou no mercado recentemente 4 mil carros do tipo Passat que seriam destinados à exportação. Para esse aquecimento, ele cita três fatores responsáveis: a desmotivação repentina para a cadereta de poupança; a utilização de 25% da produção para táxis; e a supervalorização do carro usado.

CONSÓRCIO USADO — A procura de caminhões das marcas Mer-

cedes-Benz e Toyota aumentou em 200% na Divemo, segundo o seu gerente geral de vendas, Marco Artur Machado. "A entrega é que tá difícil", diz ele. "As montadoras ainda não estão estruturadas para atender o grande volume de pedidos", completa. Vendendo somente à vista — o cliente é que tem que procurar um órgão financiador — a Divemo tem 575 pedidos em carteira, e atualmente vem recebendo uma média de vinte e cinco a trinta veículos por mês.

Se as revendedoras de carros novos foram beneficiadas com o pacote, os consórcios mergulharam num mar de facilidades. Como disse o gerente da filial do Consórcio Nacional Garavelo em Natal, Otacílio Pio Ribeiro, "tudo influiu para que os consórcios lucrassem". Os pedidos também aumentaram muito na sua loja, e a desmotivação da poupança foi determinante: ao invés de investir nela, muitas pessoas preferem entrar num consórcio, comprando carro novo em vinte e quatro meses, com taxa de juros insignificante. No caso da Garavelo, a dificuldade na entrega do veículo é mínima, já que, sendo nacional, reserva o veículo junto à fábrica. □

Um novo tempo, Fiat Piassa.



FIAT PIASSA, agora mais perto de você. Mais perto por muitas razões. A primeira delas é para lhe atender melhor. A segunda, para dar

melhor assistência ao seu Fiat. A terceira, para lhe oferecer os melhores planos de negócios em todas as linhas de produtos, peças e

serviços. Mas, tem ainda outras razões e sobre elas conversaremos pessoalmente. Venha à FIAT PIASSA e sinta-se à vontade.

Piassa

Av. Sen. Salgado Filho, 1669 — Lagoa Nova — Fone: (084) 222-1588
Telex: (0842) 350 PSAU — 59.000 — Natal-RN

CONCESSIONÁRIA
FIAT
Automóveis s.a.

A literatura ganha a TV

Há três anos, o Leitura Dinâmica leva ao vídeo os novos autores do RN e a necessidade de se ler

Quando o professor e jornalista Tarcísio Gurgel teve a idéia de fazer um programa de literatura na televisão, viu dos amigos mais próximos a reação mais lógica: espanto e dúvidas quanto à viabilidade. Afinal, era duplo ineditismo: primeiro, um espaço para divulgação da produção literária no Rio Grande do Norte; depois, fazer isso pela televisão. Isso foi em 1983, e de lá para cá, o programa Leitura Dinâmica, veiculado pela TV Universitária às terças-feiras, se não chega a ser "um campeão de audiência", pelo menos provou que não é visto apenas por intelectuais.

A apresentação do Leitura Dinâmica, no início, ficou a cargo da jornalista Josimey Costa junto com o próprio Tarcísio Gurgel, que algum tempo depois teve de deixar o programa. Atualmente, além de Josimey, outras pessoas tomam parte na apresentação, como Elisabeth Karakanian, estudante universitária que produz e apresenta a parte do programa relativa a literatura infantil; e o artista plástico Júlio César Revoredo, que cuida da parte de pintura e fotografia. Luís Antônio, outro integrante da equipe, declama os poemas durante o programa.

AUDIÊNCIA CRESCENTE —

Inicialmente, todos pensavam que o programa Leitura Dinâmica somente interessaria à elite intelectual do Estado, como lembra Josimey. "O pessoal dizia que o programa ia ser muito parado", observa. Hoje, a prova de uma penetração maior está na constatação feita pela própria apresentadora, que já foi reconhecida na rua várias vezes por pessoas simples, como vendedores de lojas. "A gente também recebe cartas do interior, sempre de pessoas que a gente sabe que não formam a elite do Estado", complementa Josimey. Hoje a estrutura do programa é bem aceita.

Começando às vinte e uma horas, e tendo um concorrente do porte da novela Dona Beija, na TV Manchete, o Leitura Dinâmica tem uma hora de duração — quando foi criado, passou um mês com apenas meia hora —, sendo dividido em três partes. A primeira tem cinquenta e cinco minutos e vários quadros, começando com a bolsa de livros, que apresenta as novidades literárias do Estado. Em seguida, ainda na primeira parte, tem um bloco dedicado à literatura infantil. A segunda parte trata do autor potiguar, e a terceira parte consta de revista literária, com debates e entrevistas com pessoas ou temas importantes na literatura.

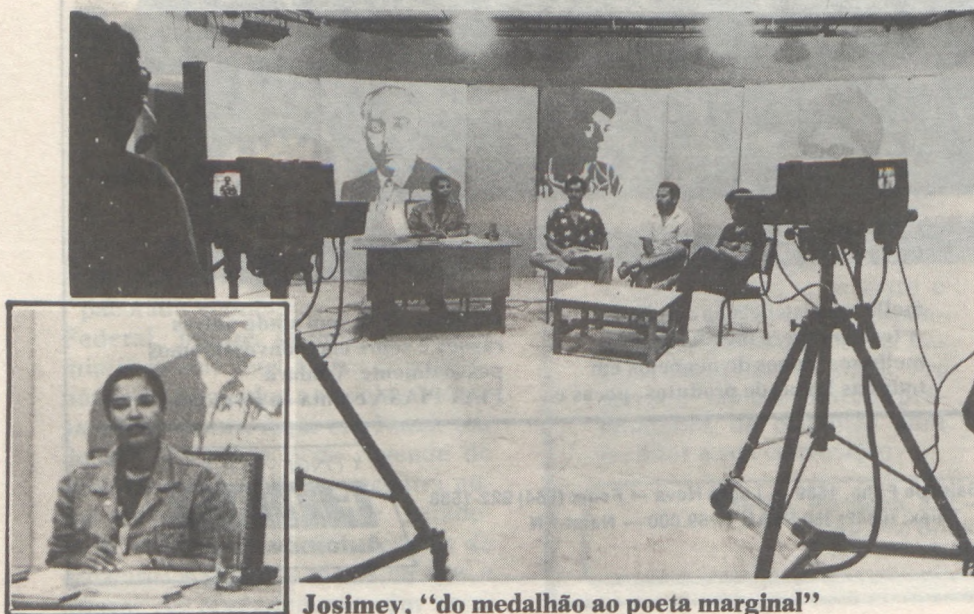
tura. Por lá passam nomes nacionais na literatura, em visita a Natal.

ESPAÇO ABERTO — A filosofia do programa é dar espaço para todos, "desde o medalhão até o poeta marginal". O Leitura Dinâmica já lançou diversos principiantes, e deu espaço a artistas marginais como Aluizio Mathias, Black-Out, Jóis Alberto, Elicelso da Silveira, e Risolete Fernandes. Mas também já foram apresentados programas com entrevistas com gente do porte de Fernando Sabino, além de produtores aqui da terra, como Franklin Jorge, Diógenes da Cunha Lima, e Franco Jasielo, que participam com novos trabalhos.

Apesar da boa aceitação, o trabalho não deixa de enfrentar problemas, começando pela própria situação de pobreza da Universidade, e a falta de recursos. Até para apresentar os livros no vídeo, na primeira parte do programa, a produção toma os exemplares emprestados numa livraria, devolvendo logo em seguida. "Esse problema de falta de recursos é sério, e somente será resolvido se for encontrada uma solução também para as televisões educativas", ressalta Josimey Costa.

MELHOR CENÁRIO — Vencidas as dificuldades, o Leitura Dinâmica vem sendo um espaço cada vez mais procurado, principalmente pelos autores novos — embora nesse caso a procura ainda seja pequena em relação à produção. "Os artistas que se sentem espoliados deveriam procurar mais o programa", ressalta a apresentadora. "É um espaço aberto a todos, independente de qualquer coisa", completa. Josimey observa que já aconteceu da produção convidar um autor novo, e ele não atender.

Apresentado com o cenário mais bonito da televisão aqui no Estado, o programa, no entender da apresentadora, confirmou que as pessoas lêem pouco, e se colocou como um ponto de referência para despertar o leitor. "A nossa missão é mostrar o autor. A gente não pretende substituir o livro, mas apresentamos tópicos dos trabalhos para que depois as pessoas leiam". Com a área de ser um dos poucos programas produzidos aqui com sucesso, o Leitura Dinâmica só tem um similar em todo o país: o Leitura Livre, da RTC — Rede de Televisão Cultural. □



Josimey, "do medalhão ao poeta marginal"

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARA**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARA** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a *preços sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARA — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

JUSTIÇA

O Direito em discussão

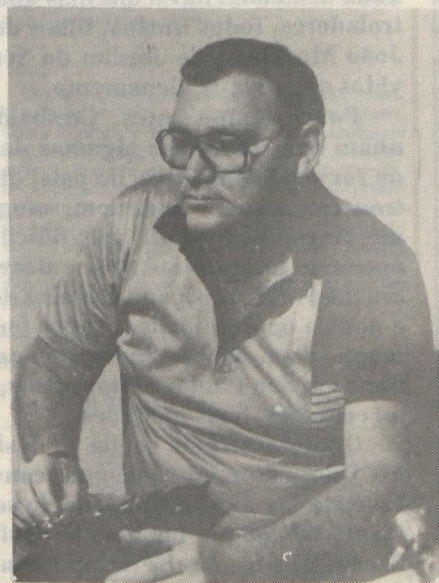
Quinzenalmente um grupo de advogados se reúne para discutir os caminhos do Direito

Pela primeira vez no Estado a reforma do Código Penal e Lei de Execução Criminal vai ter, de fato, discutidos seus aspectos positivos e negativos. A tarefa caberá ao Instituto de Estudos Jurídicos criado na primeira quinzena de maio por um grupo de advogados, promotores, juízes e professores, além de estudantes de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Presidido pelo professor de Direito da UFRN e diretor da 2.^a Vara da Justiça Federal no Estado, Giuseppe da Costa, o grupo se reúne quinzenalmente, nas noites de quintas-feiras, no auditório da seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). O grupo alterna debates sobre tema proposto por um dos membros com a discussão sobre assuntos gerais sempre envolvendo questões de Direito Processual Civil. Além da semana de debates sobre reforma penal a ser realizada em setembro, o IEJ pretende promover outros seminários e encontros.

A diretoria do IEJ tem a seguinte composição: 1.^a Vice-presidente: Soledade Rego (juíza da Comarca de Taipu); 2.^a Vice: Darci Pinheiro (promotora pública e professora da

UFRN); 1.^o secretário: José Cordeiro dos Santos Filho (juiz da Comarca de Eduardo Gomes); 2.^o secretário: Edilson Pereira Nobre (concluinte de Direito); 1.^o tesoureiro: Francisco Barros Dias (promotor de Justiça e diretor da Justiça Federal) e 2.^o tesoureiro: José Miquéias Antas de Gouveia, O IEJ tem como patrono Carlos Roberto Miranda Gomes, professor da UFRN e procurador do Ministério Público Especial.



Giuseppe da Costa



Reunião do Instituto de Estudos Jurídicos

O reaquecimento das confecções

ROBERTO GUEDES

A professora de inglês, Grace Medeiros, sentiu-se obrigada, logo nos primeiros meses do presente ano letivo, a abandonar suas turmas de alunos no Colégio Ferro Cardoso e, interpelada, deu a sua razão: fora convocada pelo esposo, empresário Garibaldi Medeiros, para assumir o departamento de criação da indústria de confecções Soriedem. Ela continuava operando, mas na verdade usava somente 10% da capacidade instalada, havia uns dois anos, e agora seus controladores, todos irmãos, filhos do falecido "coronel" João Medeiros, de Jardim do Seridó, estavam resolvidos a reativá-la plenamente.

Pouco tempo antes, Garibaldi e seus irmãos tinham namorado com algumas das maiores empresas do ramo de confecções do país, dispostos a negociar a transferência da Soriedem, afogada num endividamento esquematizado mas difícil de enfrentar numa época de inflação de 16% e desvalorização diária do cruzeiro. Entre os paqueradores destacaram-se, numa e noutra oportunidade, grupos fortes como o Vila Romana, dono de três indústrias no Nordeste e outras duas em São Paulo, e Alpargatas, já presente em Natal com duas boas unidades.

O interesse pela venda se desfez quando o Ministro Dilson Funaro conseguiu convencer o Presidente José Sarney da oportunidade de se partir para o tratamento de choque finalmente desfechado contra a inflação. Sem a soberba dos crescentes serviços da dívida, Garibaldi e seus irmãos — entre eles Edmundo, presidente do Sindicato da Indústria do Vestuário no Estado do Rio Grande do Norte — sentiram-se mais confiantes e resolveram que a Soriedem poderia ser tocada por eles próprios, e não repassada.

Assim, hoje ela está de certa forma simbolizando a primeira reação efetiva dos meios de produção norriograndenses ao chamado "Plano Cruzado". E para o Rio Grande do Norte essa sua reação tem outro significado, tendo em vista que, paralelamente, há indícios de reaquecimento de todo o parque têxtil e de confecções do Estado. Ainda recentemente, o presidente da Federação das Indústrias (Fiern), engenheiro Fernando Bezerra, enumerou através da televisão alguns fatos que convergem para essa impressão. A vista do leigo alcança outros, como a negociação da planta industrial da Icol, a empresa antes pertencente à família do deputado estadual Rui Barbosa (que permanece no ramo, por intermédio de seu irmão Jonas, que ficou com o nome da firma e está instalado com uma fábrica menor nas proximidades da Guararapes, no antigo bairro Boa Sorte) a um grupo paulista.

E a entrada da Robert Levis na Confecções Contê, numa negociação ainda não inteiramente equacionada, que permite opções, inclusive a permanência de seus antigos controladores — a família Barreto — no empreendimento. E há possibilidades de até julho ser finalmente definido o rumo acionário da Confecções Sparta, que parecia ter sido negociado com a Mac Brás mas depois revelou-se apenas arrendada a outra firma, menos renomada mas disposta a assumi-la plenamente.

Sendo um Estado que um dia ousou apoiar sua moderna industrialização, parcialmente, num chamado "Pólo Têxtil Integrado", o Rio Grande do Norte só pode exultar com essa nova performance. Dava pena ver tantas indústrias paralisadas ou afogadas por dificuldades financeiras e administrativas, contribuindo para uma queda nas arrecadações tributárias e para o desemprego em faixas respeitáveis da população natalense.

O mérito, no caso, é rateado por fatores e personalidades. Num e noutro caso pode ser creditado a Funaro e os outros pais do "pacote", mas deve-se levar em conta, também, que muito antes de 28 de fevereiro já havia gente interessada na reativação das empresas locais de confecções, tendo em vista sintomas e evidências do reaquecimento nacional e mundial do setor e a impossibilidade que alguns grandes vendedores (como Vila Romana e Alpargatas) erguerem com rapidez plantas industriais adequadas àquelas perspectivas. Ninguém estava, como Guararapes, construindo então aquela enormidade de indústria do Distrito Industrial, e, como havia unidades paralisadas ou semi-paralisadas no Nordesate, todas geralmente construídas de acordo com bons padrões aprovados pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), era negócio adquirir quantas estivessem disponíveis para negócio.

A procura do Rio Grande do Norte pela Vila Romana, por exemplo, se deu quando ela se viu obrigada a ampliar uma de suas cinco unidades — no caso, uma situada em Aracaju — para poder dar conta de grandes vendas feitas antecipadamente ao exterior. Sabendo do quadro então existente em Natal, ao serem contactados por gente daqui, os proprietários do grupo Vila Romana, os irmãos André e Ladislau Brett, não perderam tempo e aceitaram o convite do então vice-Governador Radir Pereira para virem ao Estado estudar a possibilidade de adquirir uma daquelas fábricas na ocasião paralisadas ou à beira da paralisação. Lamentavelmente, no caso, esse contacto não foi

secundado por um trabalho então confiado à Secretaria de Indústria e Comércio e, assim, não houve negócio, mas Radir permanece disposto a atrair o grupo Vila Romana para o Estado. Se o conseguir, não apenas estará ajudando a reativar o parque têxtil e de confecções daqui, mas também ampliando-o. Pois, mesmo comprando uma unidade já existente, a proposta de André e Ladislau é ampliá-la o mais rapidamente possível, em função de seus acordos de exportação.

Naturalmente, se os ventos estão favoráveis assim para os grandes fabricantes, que dispõem de fortes esquemas de comercialização, mesmo as empresas locais desprovidas desses dispositivos podem ser ba-

fejadas — quando menos pela chance que têm de atuarem através de facção, ou seja, produzindo para terceiros, coisa muito adotada ultimamente, depois da febre das “marcas”.

Foi apostando nessa perspectiva que Garibaldi finalmente concordou em pedir a Grace o sacrifício de abandonar o magistério. Agora, nas poucas visitas que ela ainda faz ao colégio, demonstra o acerto da decisão: as coisas, segundo a agora dirigente do departamento de criação e estilo da Soriedem, vão muito bem na fábrica, e poderão melhorar muito quando a empresa voltar a contar com qualquer apoio governamental.

AGENDA DO EMPRESÁRIO

Uma atividade rara no RN: a criação de chinchila

Conhecido como esportista amador e respeitador como empresário da área de segurança, o deputado estadual **Rui Barbosa** está marcando este momento com três acontecimentos de relevo em sua biografia. Como político, desistiu de se candidatar a Deputado Federal esperando construir, como Deputado Estadual, um caminho para chegar à Prefeitura natalense em 1988; como empresário, ao lado de seus irmãos, desfez-se do imóvel e equipamentos mais comuns da lcol, a indústria de confecções que implantara defronte ao parque de vaquejadas “13 de Maio”, em Bom Pastor, mas permanece no ramo, ao lado de seu irmão Jonas, com uma lcol menor, mas demonstrando eficiência, ao lado da sede local do DNER; e, como dileitante, está descobrindo uma nova atividade rentável: a criação de chinchila, animalzinho que vem cultivando em sua granja, em Eduardo Gomes.

O economista **José Bezerra de Araújo Júnior**, empresário que de seu ramo inicial, a captura de lagostas, já havia derivado para o reflorestamento e a agricultura, inova outra vez: ele está investindo maciçamente numa pesquisa com novos tipos de algodão, com orientação técnica do Instituto Nacional do Algodão, sediado em Campina Grande, Paraíba. **José Bezerra** separou nada menos do que quinhentos hectares para esta pesquisa, que assume importância maior se se considerar que mesmo tradicionais cotonicultores estão mudando de ramo depois de cinco anos de seca e da invasão do bicudo.

Nenhuma empresa norte-riograndense beneficiada com o apoio da Sudene recebeu do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) o registro junto à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que as habilitaria a participar nos leilões do Fundo de Investimentos do Nordeste (Finor), no momento em que, visando ampliar o leque de opções dos investidores, o Banco concedeu esse documento a dezenove outras organizações da região. Segundo o BNB, os leilões do Finor vêm registrando elevadíssimo índice de negociação, o que comprovaria a seu ver a liquidez das empresas nordestinas em carteira do fundo regional.

Um dos mais tradicionais distribuidores de medicamentos do Rio Grande do Norte, o grupo Cabral Fagundes, prepara-se para se diversificar, entrando no comércio de eletrodomésticos. **Garibaldi Cabral** deverá assumir o controle do segmento do grupo que se dedicará ao novo negócio.

A terceira fábrica norte-riograndense de buggies, a **Prayano**, que nasceu praticamente no pátio de uma firma de ferro-velho, demonstra empenho em crescer: além de sua unidade primária, na Avenida Presidente Bandeira, onde seus pro-

rietários vendem carrocerias novas e ainda negociam em seu ramo antigo, a firma ocupou um galpão alugado do Governo do Estado no Distrito Industrial, em Extremoz, onde futuramente deseja instalar um **show room**.

Tão logo tomou conhecimento de um documento técnico em que seu conterrâneo engenheiro **Obery Rodrigues Júnior** defende a instalação de uma refinaria de petróleo da Petrebrás em sua cidade, o Prefeito de Mossoró, **Dix-huit Rosado**, pediu-lhe autorização para imprimir o documento, a fim de subsidiar os esforços do Rio Grande do Norte para reivindicar a unidade. Enquanto isto, o Governador de Pernambuco, **Gustavo Krause**, assumiu pessoalmente a reivindicação da mesma refinaria para o porto de Suape, em seu Estado.



Rui Barbosa



José Bezerra

TABELA DE CONVERSÃO DE Cr\$ PARA Cz\$

DIA	JUNHO	JULHO
1	1.497,94	1.713,93
2	1.504,68	1.721,64
3	1.511,45	1.729,39
4	1.518,25	1.737,17
5	1.525,09	1.744,99
6	1.531,95	1.752,84
7	1.538,84	1.760,73
8	1.545,77	1.768,65
9	1.552,72	1.776,61
10	1.559,71	1.784,61
11	1.566,73	1.792,64
12	1.573,78	1.800,70
13	1.580,86	1.808,81
14	1.587,98	1.816,95
15	1.595,12	1.825,12
16	1.602,30	1.833,34
17	1.609,51	1.841,59
18	1.616,75	1.849,87
19	1.624,03	1.858,20
20	1.631,34	1.866,56
21	1.638,68	1.874,96
22	1.646,05	1.883,40
23	1.653,46	1.891,87
24	1.660,90	1.900,38
25	1.668,37	1.908,94
26	1.675,88	1.917,53
27	1.683,42	1.926,16
28	1.691,00	1.934,82
29	1.698,61	1.943,53
30	1.706,25	1.952,28
31	—	1.961,06

No Rio Grande do Norte as instituições não costumam tirar lições da experiência, do pouco significado histórico, num contexto marcadamente provinciano. A amnésia é uma doença crônica que afeta em especial os dirigentes culturais, que fecham os olhos para o que não lhes agrada ver. Em geral impostos, concessivamente, para atender a interesses momentâneos de grupos ou facções, possuem em comum o descompromisso com uma prática cultural séria e autêntica. Por outro lado os artistas, acomodados pela falta de perspectivas reais de progresso, alienam-se politicamente, cedendo ao fascínio que emana do poder e contribuindo para a ostrificação de um quadro administrativo que se inscreve no que há, no país, de mais reacionário em termos de animação cultural.

Passada a euforia dos primeiros dias, veio a expectativa sempre crescente em relação a Secretaria da Cultura, promessa de campanha do Prefeito Garibaldi Filho, que resolveu atender a uma reivindicação de um grupo de artistas marginalizados pela política cultural de exceção que caracterizou a passagem do clã dos Maia pelo Governo do Estado, num período elástico de quase doze anos.

A escolha do secretário Gileno Guanabara surpreendeu a comunidade artística e tirou toda credibilidade do projeto da Secretaria da Cultura, que, embora recém-criada, repete uma prática de muitos anos no processo de escolha dos dirigentes culturais do Estado — bem caracterizado pelas nomeações de Valério Mesquita e Paulo Macedo para a presidência da Fundação José Augusto — e do município de Natal, que, durante o período em que a ditadura sobreviveu, gerando abortos, sofreu um desgaste da credibilidade. Artistas bem humorados alegam que a Secretaria da Cultura faz hoje dobradinha com a Fundação José Augusto, em disparates, e o crítico literário Nelson Patriota explica a escolha de Guanabara, para a Secretaria da Cultura, pela escolha



João Natal, Eribaldo Furtado e Carlos Sérgio (Foto: Maysa Albuquerque)

de Paulo Macedo para a Fundação José Augusto. No entanto, a FJA, ligada ao Governo do Estado, representa ainda o espírito pedesista de uma época repudiada, enquanto a Secretaria, ligada ao Município, não está correspondendo aos objetivos do PMDB, que defende mudanças já no sistema político-administrativo do país.

Mal assessorado e sem uma visão aprofundada da questão cultural, Guanabara claudica e comete equívocos, agravados por uma total simploriedade de julgamento estético. A comemoração dos 20 anos do concretismo resultou num tremendo fiasco, pela falta de consistência e pelo desinteresse demonstrado, até, pelas pessoas diretamente envolvidas na realização do evento. A chuva, que impediu a exposição de poemas em praça pública, se encarregou do resto.

...

JOVENS XILÓGRAFOS — A implantação da Oficina de Gravura Rossini Quintas Perez, pela FJA, sob a gestão dinâmica e renovadora do professor Cláudio Emerenciano, que atentou para a condição de penúria em que se encontravam as artes plásticas, representou im-

portante contribuição à vida artística. Desde então, a Oficina de Gravura, inaugurada em maio de 1980, tem influenciado decisivamente para a socialização de uma prática estética que se processava nos limites de um individualismo infecundo.

A Oficina Rossini Perez — além de homenagear um dos mestres da gravura nacional, dos poucos a alcançar ressonância nos grandes centros de produção artística do mundo — serviu, principalmente, para aproximar jovens artistas, que, pela primeira vez na nossa história, se reuniram para criar, num trabalho coletivo que começa a frutificar. Não podemos esquecer nesse processo de educação pela arte o nome do professor Aucides Sales, pela sua operosidade e paciência em vencer desafios, impostos pela desatenção dos sucessores de Emerenciano, entre os quais, Evilázio Leão, obscuro contabilista mossoroense, teve certa vez o desplante de ameaçar os artistas, num episódio que faz parte da história da cultura local, pela força bruta.

Carlos Sérgio Borges, Eribaldo Furtado e João Natal, xilógrafos, saíram todos da Oficina Rossini Perez, que freqüentam desde a



Guanabara: repetição de antigos vícios

sua criação há seis anos. Os três expuseram suas xilogravuras, recentemente, na Galeria Câmara Cascudo, obtendo uma boa repercussão que serve de estímulo para vôos mais amplos.

As estampas de Carlos Sérgio, iluminadas pelo adjetivo cromático, apresentam um nível gráfico certamente conquistado através de muitas pesquisas e experimentações.

Os jogos visuais propostos por Eribaldo dinamizam o espaço gráfico e criam a ilusão de movimento que remonta ao **optical art** dos anos sessenta.

João Natal, numa explosão expressionista, domada pela técnica, vai acordando os monstros abissais que, das profundezas do pesadelo, velam os sonhos do ser humano na sua ânsia de criação.

•••

O MOMENTO DA DANÇA —

Durante muitos anos a dança foi, em Natal, uma atividade relegada a um plano secundário, apesar do esforço de criação de dona Olíndina Gomes de Lima, ex-secretária de Educação e Cultura do Município e uma entusiasta do ballet; que ela homenageou criando uma escola que já existe há mais de dez

anos. Bons bailarinos saíram de lá: Dimas Carlos, hoje um nome conceituado do nosso ballet, e Maria Cardoso, que prefigurava um futuro brilhante mas acabou ficando por aqui, contribuindo, como professora, para o aperfeiçoamento dessa expressão artística. Noêmia Ferraz, portuguesa, e Yeda Emerenciano realizaram, por sua vez, um trabalho pioneiro na escola de ballet do Teatro Alberto Maranhão. Roosevelt Pimenta deu continuidade a tudo isso, voltando, a convite da ex-secretária, para dirigir o Ballet Municipal.

Natal conta hoje com vários grupos de dança e se dá ao luxo de importar grandes nomes da dança, como Lennié Dale, que acaba de ministrar um curso na Academia Corpovivo, de Diana Fontes. Com grande sucesso.

•••

ARTE NAS RUAS — O secretário de Indústria, Comércio e Turismo; jornalista Woden Madruga, ao assumir a pasta, declarou a sua intenção de realizar um trabalho voltado para a valorização da atividade artística local, prestigiando o trabalho de pintores e desenhistas como prioridade. Woden está comprometido, de início, com o embe-

lezamento de Natal.

Uma das idéias de Woden: contratar artistas para pintar grandes painéis nos viadutos da cidade, que são três apenas, mas estrategicamente postos em áreas de grande tráfego.

•••

MAU COSTUME — Há, em Natal, um costume generalizado, que, encapado de boas intenções, serve apenas para despojar os artistas que trabalham para que os outros façam filantropia e ganhem espaços nas crônicas sociais.

Duas ou três vezes por ano — a coisa é uma tradição provinciana que resiste —, senhoras bem municiadas de gordas contas bancárias, empreendem campanhas filantrópicas, mas quem financia essas promoções são os artistas, assediados com pedidos de doação de suas obras. No entanto, muitas dessas beneméritas não possuem um único quadro nas paredes de suas casas burguesas.

Filantropia assim não é filantropia.

•••

FORMAS DE EXPLORAÇÃO —

Os artistas são vítimas fáceis de engodos e explorações. Exemplo, que basta: o presidente da AAPP/RN, que não é, em artigo publicado na Tribuna do Norte, procurou consertar a bobagem de Paulo Macedo, que transformou o Centro de Cultura em Centro de Produção Cultural Zila Mamede, incorrendo numa redundância, sintomática da falta de criatividade das instituições que vivem de copiar as idéias alheias.

Para justificar o ato de Macedo, que copiou a homenagem prestada pela UFRN à memória de Zila Mamede, Eduardo Alexandre andou afirmando que a escolha foi fruto de uma ampla consulta no meio artístico da cidade. Acontece que os artistas ativos ignoram completamente o assunto, que será tema de uma das enquetes que o semanário Dois Pontos está publicando.

FRANKLIN JORGE

CLAUDIO NA COPA



HUMOR



NOVO ENDEREÇO

O Serviço de Atendimento ao Assinante de RN/ECONÔMICO existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com RN/ECONÔMICO pelos telefones 222-4722 ou 222-8517. Envie correspondência para Rua São Tomé, 421,

Centro. Natal-RN.
Serviço de Atendimento ao Assinante.



Endereço Anterior:

Bairro:

Cidade:

Estado:

CEP:

Caro assinante: Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom, comunicando o seu novo domicílio, para RN/ECONÔMICO

Novo Endereço:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Os exemplares chegarão em seu endereço após o dia 30 de cada mês.

Obrigado, Bambridge

VERAILTON SILVA

Em Copa do Mundo vale tudo. Até gol legítimo anulado pelo juiz, gol em impedimento que nem o tirante é capaz de confirmar, gol de mão aos 44 minutos do segundo tempo, enfim, vale tudo. E foi assim que o Brasil estreou no Mundial do México, contra a Espanha. Sem apresentar um futebol que encantasse a torcida, mas ganhando os dois pontos com uma "mãozinha" do australiano Bambridge.

É bem verdade que os espanhóis se acovardaram lá atrás, talvez pensando que o empate na estréia seria um ótimo resultado. Eles até que se agüentaram lá atrás, esperando um ataque brasileiro que nunca era acionado, principalmente porque Casagrande fez uma das suas piores partidas na Seleção. E o que dizer do "italiano" Júnior? Este também ficou devendo uma apresentação à altura.

Bem, mas vamos falar do gol mais bonito da Copa, que Mr. Bambridge, certamente pelo posicionamento em campo, ou porque não viu mesmo nada, preferiu não confirmar. O lance realmente foi muito rápido. Num rebote da defesa brasileira, o meio-campo Michel dominou a bola no peito e chutou com violência no ângulo esquerdo defendido por Carlos. A bola caprichosamente tocou no travessão e caiu após a linha, mas na mesma velocidade retornou à pequena área e Edinho mandou a córner.

Um gol legítimo, que para desespero dos espanhóis não foi confirmado pelo árbitro, muito menos pelo bandeirinha. A televisão, em "replay", mostrou que a bola realmente ultrapassou a linha; os jornais do dia seguinte publicaram a foto que comprovou a legitimidade do tento. Mas só que para felicidade geral da nação brasileira, o juiz australiano preferiu apenas marcar escanteio. E o que vale é a decisão do árbitro. Os espanhóis, coitados, vão lamentar esse erro pelo resto de suas vidas. Aliás, mais uma vez, porque em 62, no Chile, Nilton Santos fez um pênalti claríssimo quando o Brasil perdia por 1 a 0. Mas só que com muita malandragem conseguiu dar dois passos à frente e ficou fora da área.

Este gol espanhol não confirmado pela arbitragem certamente mudaria o panorama da partida, pois o

Brasil teria forçosamente de atacar muito mais, principalmente com a entrada do veloz Müller, para poder virar o placar. Mas graças a Bambridge o resultado permaneceu em 0 a 0. E aí, numa bonita jogada de Júnior e Careca, que chutou no travessão, Sócrates conseguiu de cabeça marcar o gol da vitória.

Não vi nada de irregular neste lance, pois no momento em que Careca tocou na bola, Sócrates tinha condições legais. Só que os jornais mexicanos e espanhóis consideraram que Sócrates estava impedido. A televisão, com sua tecnologia computadorizada, mostrou que realmente o "Magrão" estava 20 ou 30 centímetros atrás do último zagueiro espanhol. Portanto, tinha condições de fazer o que bem quisesse com a bola. E claro que ele fez o óbvio: mandou de cabeça a bola para o fundo das redes. Bambridge, acertadamente, deu o gol. Quanto aos espanhóis, o choro é livre.

A imprensa mexicana comentou barbaridade sobre o gol legítimo de Michel, esquecendo-se que o mesmo Bambridge também prejudicou o Brasil ao não marcar um pênalti claro do zagueiro Goicoechea (o açougueiro que quase inutilizou Maradona para o futebol) sobre o atacante Careca. Todo mundo viu que o zagueiro espanhol derrubou Careca dentro da área, mas Mr. Bambridge preferiu dar, erradamente, a lei da vantagem.

Excluindo os pró e os contra do árbitro, acho que o Brasil mereceu a vitória, pois foi a equipe que buscou o ataque. Com a entrada do garoto Müller, então, poderíamos perfeitamente ter marcado mais uns dois gols. Só que o jogador são paulino, talvez pela inexperiência, não soube concluir duas bonitas arrancadas do meio-campo.

Como estréia valeu o teste e destacaria alguns jogadores que se destacaram dos demais. Como o zagueiro Júlio César, que apesar de estreante em Copa, mostrou porque Oscar ficou no banco de reservas. O atacante Careca também soube se movimentar e foi o melhor do ataque. E o que dizer de Sócrates, que recuperou sua forma física e comandou a equipe? Também Bambridge esteve excelente. Obrigado, Bambridge!

Ah, eu adoro os coroas!



No Tahiti não tem essa história de discriminação. Jovens ou coroas, todos são recebidos com muito prazer. E com uma mordomia capaz de matar de inveja os ministros da Velha República.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui



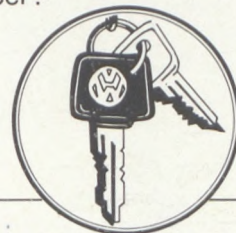
A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.

Com o Plano Cruzado do Governo Federal, o Consórcio Eldorado mais uma vez se coloca como o caminho mais fácil para a concretização do sonho do carro novo, ou moto, de todas as marcas, a álcool ou a gasolina. Além de trabalhar com toda a linha Fiat e Volkswagen; Massey-Ferguson; caminhão e motos Agrale, o Consórcio Eldorado oferece a opção de qualquer outra marca. A diferença no preço, você acerta na própria revendedora onde fez a compra, que é também quem decide o prazo de entrega do veículo, de acordo com a Portaria do Governo Federal, número 186, de maio de 86. No Eldorado, entretanto, ainda são entregues dois veículos mensais, sendo um por lance, outro por sorteio.

O Consórcio Eldorado é o único de Natal que trabalha com todas as marcas, sem burocracias e sem perda de tempo. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. Em quatro anos e meio de atuação, o Eldorado já entregou a seus consorciados 1.390 veículos novos, em 39 grupos formulados, sendo um já terminado, totalizando 3.520



associados. Fique à vontade nas amplas instalações do Consórcio Eldorado na Avenida Prudente de Moraes, com um ótimo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade. Venha conhecer!



**ELDORADO ADMINISTRADORA DE
CONSÓRCIO LTDA.**

Av. Prudente de Moraes, 1108 - Tel.: (084) 222-9246 - Tirol - Natal-RN

As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

É também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade

222·4722